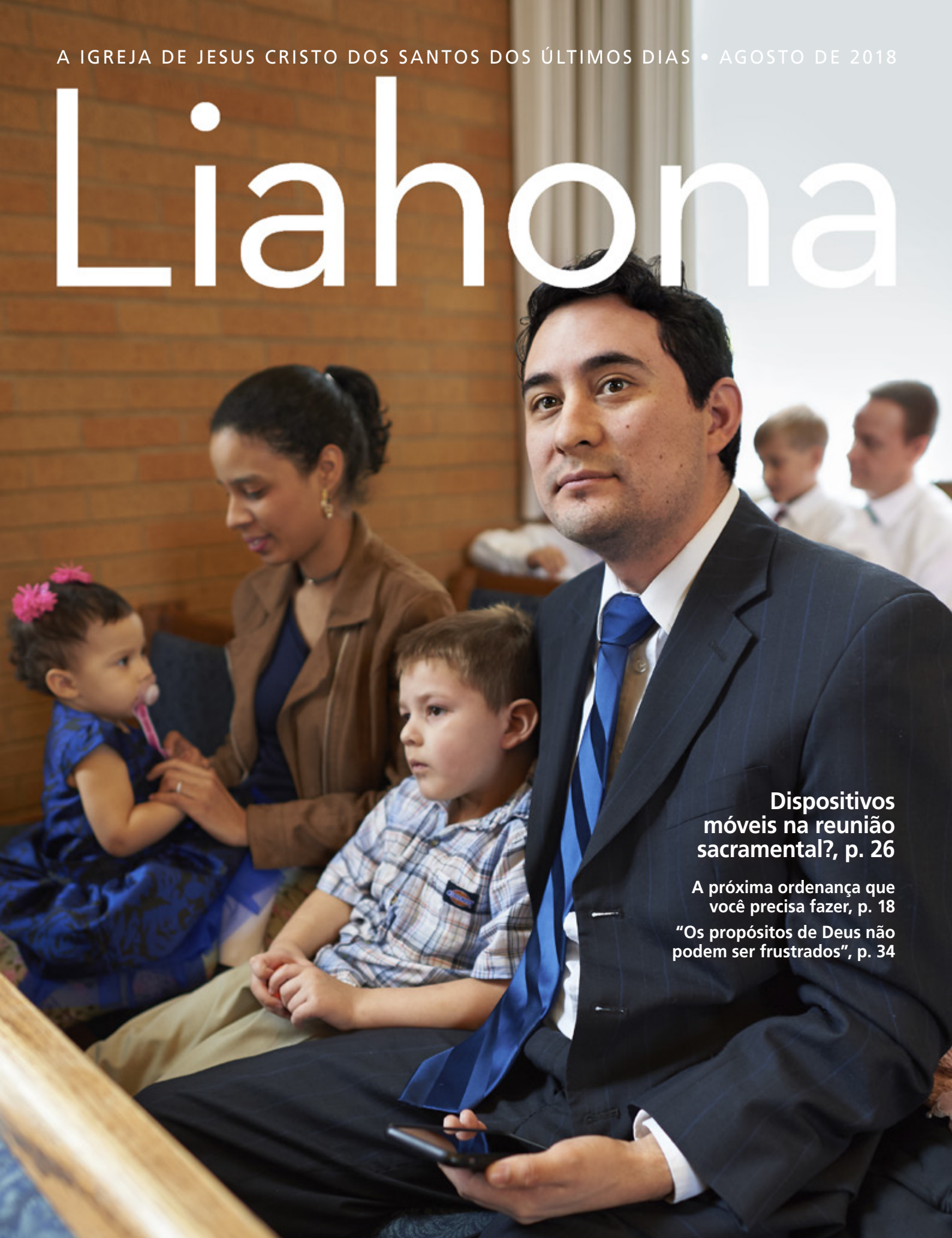



Liahona



**Dispositivos
móveis na reunião
sacramental?, p. 26**

**A próxima ordenança que
você precisa fazer, p. 18**

**“Os propósitos de Deus não
podem ser frustrados”, p. 34**



“TORNAMO-NOS DIGNOS DO
**PODER PURIFICADOR
DE JESUS CRISTO**
QUANDO TOMAMOS O
SACRAMENTO DIGNAMENTE.”

ÉLDER DALE G. RENLUND E
IRMÃ RUTH L. RENLUND

Extraído de “A bela dádiva do sacramento”, p. 18.



18

ARTIGOS

10 O alicerce espiritual da autossuficiência financeira da Igreja

Bispo Gérald Caussé

Em suas normas financeiras e de investimentos, a Igreja pratica a doutrina e os preceitos que ela ensina a seus membros.



NA CAPA

Fotografia: Leslie Nilsson.

18 A bela dádiva do sacramento

Élder Dale G. Renlund e
irmã Ruth L. Renlund

Ao tomarmos o sacramento dignamente, renovamos as bênçãos do batismo repetidas vezes.

26 Adoração numa era digital

Adam C. Olson

Os dispositivos eletrônicos podem melhorar ou inibir nossa adoração na reunião sacramental.

30 Ensinar usando a tecnologia: Como envolver os jovens num mundo digital

Brian K. Ashton

Em vez de proibir o uso da tecnologia na sala de aula, podemos ensinar os jovens a usá-la para o bem.

34 Santos: A História da Igreja — Capítulo 6: O dom e poder de Deus

Joseph recebe poder para traduzir novamente, dessa vez com a ajuda de Oliver Cowdery.

SEÇÕES

4 Retratos de fé: Darren e Stacey Rea — Sydney, Austrália

6 Princípios para ministrar como o Salvador: Edificar relacionamentos significativos

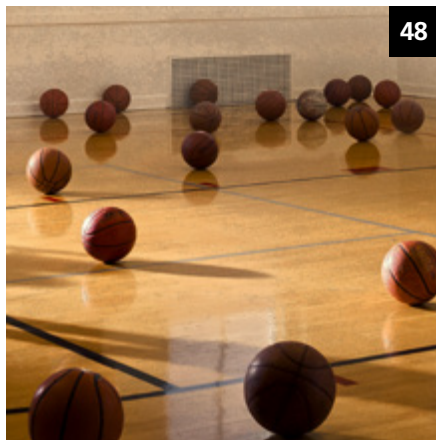
16 Nosso lar, nossa família: Esforçar-se para se tornar uma mãe inteligente e nobre

Lilian Pagaduan-Villamor

40 Vozes da Igreja

80 Até voltarmos a nos encontrar: Continuar tentando

Élder Marvin J. Ashton



44 Como Eric aprendeu a confiar em Deus

Richard M. Romney

Em meio a dificuldades e sofrimentos, este jovem adulto de Gana encontrou fé em Deus, que o preparou para aceitar o evangelho.

48 Mas e se eu errar?

Sarah Keenan

Se deixarmos o medo do fracasso nos impedir de tentar, vamos perder preciosas oportunidades de crescimento.



Veja se consegue encontrar a Liahona oculta nesta edição.

Dica: Que promessas você pode encontrar no Livro de Mórmon?



50 Antes de ser chamado para servir

Ryan Carr

Aprenda com a perspectiva dos missionários de tempo integral ao descreverem suas experiências e sugerirem maneiras pelas quais os jovens podem se preparar para servir.

56 Cinco coisas que Doutrina e Convênios ensina sobre como ser um missionário

Charlotte Larcabal

Essas escrituras explicam princípios do trabalho missionário que se aplicam a todos nós ao nos esforçar para compartilhar o evangelho.

58 Seis razões pelas quais realmente precisamos da Igreja!

Eric B. Murdock e Joshua J. Perkey

Aqui estão alguns motivos pelos quais a organização da Igreja é essencial ao plano de Deus para nós.

62 Perguntas e respostas

Que atividades devo realizar em meu tempo livre para torná-lo mais proveitoso?

64 Pôster: Revelação para nossa vida

65 A última palavra: Três maneiras de sempre se lembrar do Salvador

Élder Gerrit W. Gong



66 Sempre posso orar

Consegue responder a essas perguntas sobre a oração?

68 Faça sua luz brilhar: Um testemunho brilhante

Mesmo estando com medo, prestei meu testemunho na frente dos outros alunos.

70 A promessa de não brigar

Myrna M. Hoyt

Timmy se lembrou de uma história do Livro de Mórmon e soube como ele e seu primo poderiam parar de brigar.

72 Fé, esperança e graça — Parte 1: Uma voz de paz

Megan Armknecht

Era assustador morar na Holanda durante a guerra, mas Grace sabia que sua família ficaria bem.

74 Os apóstolos prestam testemunho de Cristo

Élder Ronald A. Rasband

75 Futebol e domingos

Élder Jörg Klebingat

Eu adorava futebol, mas, depois que conheci a Igreja, passei a amar a Deus mais ainda.

76 Histórias das escrituras: Davi e Golias

Kim Webb Reid

79 Página para colorir: Posso ser um bom exemplo

Revista internacional em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência: Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, Henry B. Eyring

Quórum dos Doze Apóstolos: M. Russell Ballard, Jeffrey R. Holland, Dieter F. Uchtdorf, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson, Neil L. Andersen, Ronald A. Rasband, Gary E. Stevenson, Dale G. Renlund, Gerrit W. Gong, Ulisses Soares

Editor: Hugo E. Martinez

Editores assistentes: Randall K. Bennett, Becky Craven

Consultores: Brian K. Ashton, LeGrand R. Curtis, Jr., Edward Dube, Sharon Eubank, Cristina B. Franco, Donald L. Hallstrom, Douglas D. Holmes

Diretor administrativo: Richard I. Heaton

Diretor das revistas da Igreja: Allan R. Loyborg

Gerente de relações comerciais: Garff Cannon

Gerente editorial: Adam C. Olson

Gerente editorial assistente: Ryan Carr

Assistente de publicações: Francisca Olson

Equipe de composição e edição de textos: Maryssa Dennis, David Dickson, David A. Edwards, Matthew D. Flitton, Lori Fuller, Garrett H. Garff, LaRene Porter Gaunt, Jon Ryan Jensen, Charlotte Larcabal, Michael R. Morris, Eric B. Murdock, Sally Johnson Odekirk, Joshua J. Perkey, Jan Pinborough, Richard M. Romney, Mindy Selu, Chakell Warleigh, Marissa Widdison

Diretor administrativo de arte: J. Scott Knudsen

Diretor de arte: Tadd R. Peterson

Equipe de diagramação: Jeanette Andrews, Fay P. Andrus, Mandie Bentley, C. Kimball Bott, Thomas Child, David Green, Colleen Hinckley, Eric P. Johnsen, Susan Lofgren, Scott M. Mooy, Emily Chieko Remington, Mark W. Robison, Brad Teare, K. Nicole Walkenhorst

Coordenadora de propriedade intelectual: Collette Nebeker Aune

Gerente de produção: Jane Ann Peters

Equipe de produção: Ira Glen Adair, Julie Burdett, Thomas G. Cronin, Bryan W. Gygi, Ginny J. Nilson, Derek Richardson

Pré-impressão: Joshua Dennis, Ammon Harris

Diretor de impressão: Steven T. Lewis

Diretor de distribuição: Troy R. Barker

Responsável pela tradução: Patricia Corrêa

Distribuição: Corporação do Bispado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Steinmühlstrasse 16, 61352 Bad Homburg v.d.H., Alemanha.

Para assinatura ou mudança de endereço, entre em contato com o Serviço ao Consumidor. Ligação Gratuita: 00800 2950 2950. Telefone: +49 (0) 6172 4928 33/34. E-mail: orderseu@ldschurch.org. Online: store.lds.org. Preço da assinatura para um ano: € 4,60 para Portugal, € 1,85 para Açores e CVE 204 para Cabo Verde.

Para assinaturas e preços fora dos Estados Unidos e do Canadá, acesse o site store.LDS.org ou entre em contato com o Centro de Distribuição local ou o líder da ala ou do ramo.

Envie manuscritos e perguntas online para liahona.LDS.org; pelo correio, para: *Liahona*, Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA; ou por e-mail, para: liahona@LDSchurch.org.

Liahona, termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "guia", é publicada em albanês, alemão, armênio, bislama, búlgaro, cambojano, cebuano, chinês, chinês (simplificado), coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, fijiano, finlandês, francês, grego, holandês, húngaro, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribati, romeno, russo, samoano, suaili, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

© 2018 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

Informação de copyright: A menos que seja indicado o contrário, é permitido copiar o material da revista *Liahona* para uso pessoal, não comercial (inclusive para os chamados na Igreja). Essa permissão pode ser revogada a qualquer momento. O material visual não pode ser copiado caso haja restrições indicadas nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., FL 13, Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

For Readers in the United States and Canada:

August 2018 Vol. 71 No. 8. LIAHONA (USPS 311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$12.00 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new addresses *must* be included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express) may be taken by phone. (Canada Poste Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send all UAA to CFS (see DMM 507.1.5.2). NONPOSTAL AND MILITARY FACILITIES: Send address changes to Distribution Services, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368, USA.

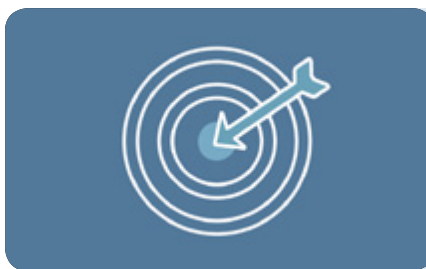
Mais na internet



Leia os artigos e envie sua própria contribuição para liahona.LDS.org.



Encontre mensagens inspiradoras (disponíveis em inglês, português e espanhol), que podem ser compartilhadas, no [facebook.com/liahona](https://www.facebook.com/liahona).



Envie comentários para liahona@LDSchurch.org.



Faça a assinatura no site store.LDS.org. Ou visite um centro de distribuição, consulte os líderes da ala ou telefone para 1-800-537-5971 (EUA e Canadá).

ICONS: GETTY IMAGES

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

Os números representam a primeira página de cada artigo.

Adversidade, 41, 44, 80

Arrependimento, 34, 43

Bondade, 70

Convênios, 18, 58

Conversão, 44

Deficiências, 44

Dia do Senhor, 18, 75

Dizimo, 10

Educação, 16

Espírito Santo, 18, 30, 34,

43, 50, 56

Família, 4, 16, 40, 72,

79, 80

Fé, 4, 44, 55, 65, 72, 76

Finanças, 10

História da Igreja, 34, 58

Jesus Cristo, 18, 65, 74

Joseph Smith, 34

Líderes da Igreja, 43

Livro de Mórmon, 18, 34,

42, 70

Maternidade, 16

Medo, 48, 65, 72, 76

Obra missionária, 42,

50, 56

Oração, 41, 43, 44, 66, 72

Pai Celestial, 18, 41,

44, 58

Paz, 72

Perseverança, 80

Preparação missionária,

50, 56, 75

Reuniões da Igreja, 26,

30, 58

Revelação, 34, 56,

58, 64

Sacramento, 18, 65

Serviço, 6, 40

Tecnologia, 26, 30

Testemunho, 6, 34, 68

Valor individual, 62

Darren e Stacey venderam tudo o que tinham para seguirem o sonho dele de trabalhar como animador num estúdio cinematográfico de Londres, Inglaterra. Mas, quando descobriram que estavam esperando um bebê após anos de tentativas, deram-se conta de que não poderiam morar ali apenas com o salário dele.

CHRISTINA SMITH, FOTÓGRAFA

Darren e Stacey Rea

Sydney, Austrália

Stacey: Começamos a falar em nos mudar de volta para a Austrália. Em Brisbane, não havia estúdios de cinema. Darren teria praticamente que abandonar sua carreira.

Darren: Senti que estava no fundo do poço. Minha mulher estava grávida, mas eu estava sem emprego e não tínhamos dinheiro para ter nossa própria casa.

Stacey: Houve um momento, na lavanderia da casa de meus pais, em que nos ajoelhamos para orar.

Darren: Depois, ouvimos falar que um novo estúdio estava abrindo em Brisbane. Consegui ser contratado para trabalhar com animação.

Stacey: Aprendemos que, não importa o que estejamos vivenciando, a coisa mais importante que podemos ter é fé no Pai Celestial e em Jesus Cristo.





Princípios para ministrar como o Salvador

EDIFICAR RELACIONAMENTOS SIGNIFICATIVOS

Nossa habilidade de cuidar de outras pessoas aumenta quando desenvolvemos um relacionamento significativo com elas.

O convite para ministrar a outras pessoas é uma oportunidade de edificar relacionamentos nos quais há atenção por elas — é o tipo de relacionamento que as deixa mais à vontade para pedir ou aceitar nossa ajuda. Quando nos esforçamos para desenvolver esse tipo de relacionamento, Deus pode mudar vidas nos dois lados dessa relação.

“Acredito firmemente que não há mudanças significativas sem relacionamentos significativos”, disse Sharon Eubank, primeira conselheira na presidência geral da Sociedade de Socorro. E para que nossos atos de serviço contribuam para a transformação na vida das pessoas, disse ela, eles precisam estar “fundamentados no

desejo sincero de curar, ouvir, cooperar e respeitar”.¹

Relacionamentos significativos não são táticas. Eles são edificados na compaixão, nos esforços sinceros e no “amor não fingido” (D&C 121:41).²

Maneiras de edificar e fortalecer relacionamentos

“Edificamos [relacionamentos] com uma pessoa por vez”, disse o élder Dieter F. Uchtdorf, do Quórum dos Doze Apóstolos.³ À medida que nos esforçamos para edificar relacionamentos significativos com aqueles a quem ministramos, o Espírito Santo pode nos guiar. As sugestões que se seguem são baseadas no padrão que o élder Uchtdorf sugeriu.⁴



Passem tempo juntos.

Um relacionamento leva tempo para ser desenvolvido. Procure oportunidades de manter contato. Estudos demonstram que fazer com que as pessoas percebam o quanto você se importa com elas é essencial para relacionamentos saudáveis.⁶ Visite com frequência aqueles a quem você foi designado para servir. Converse com eles na igreja. Use quaisquer meios adicionais que sejam adequados — tais como e-mail, Facebook, Instagram, Twitter, Skype, telefone ou enviando cartões. O élder Richard G. Scott (1928–2015), do Quórum dos Doze Apóstolos, falou a respeito do poder das manifestações simples e criativas de amor e apoio: “Muitas vezes eu abria as escrituras (...) e encontrava um bilhete carinhoso de apoio que a [minha esposa] Jeanene tinha deixado no meio das páginas. (...) Aqueles preciosos bilhetes de uma esposa amorosa foram e continuam a ser um tesouro inestimável de consolo e inspiração”.⁷

Lembre-se também de que um relacionamento sempre envolve duas pessoas. Você pode oferecer amor e amizade, mas o relacionamento não prosperará até que a oferta seja aceita e retribuída. Se a outra pessoa parecer pouco receptiva, não force o relacionamento. Dê-lhe tempo para perceber seu esforço sincero e, se necessário, aconselhe-se com seus líderes para saber se um relacionamento significativo ainda é uma possibilidade.

Conhecer as pessoas.

O presidente Ezra Taft Benson (1899–1994) ensinou: “Não é possível servir bem as pessoas que não conhecemos”. Ele sugeriu conhecermos o nome de cada membro da família e estarmos alertas aos eventos importantes tais como nascimentos, bênçãos, batismos e casamentos. Isso proporciona a oportunidade de mandar um cartão ou dar um telefonema para parabenizar um membro da família por alguma ocasião especial ou por realizações pessoais.⁵

Os princípios para ministrar como o Salvador têm como objetivo nos ajudar a aprender a cuidar uns dos outros — não para que sejam dados como mensagem. Ao conhecermos aqueles a quem servimos, o Espírito Santo vai nos inspirar a saber qual mensagem eles precisarão além de nosso cuidado e nossa compaixão.



Seja atencioso em sua comunicação.

Para que relacionamentos significativos sejam edificados, é necessário irmos além do superficial. A comunicação superficial está repleta de trivialidades como compromissos, o clima e outros assuntos de menor importância, e não inclui sentimentos, crenças, objetivos e preocupações que são necessários para tornar os vínculos mais significativos. O Pai Celestial delineou essa forma de comunicação mais significativa ao compartilhar Seus sentimentos e planos com Seu Filho (ver João 5:20) e também conosco por meio de Seus profetas (ver Amós 3:7). Ao compartilharmos os eventos do dia a dia e os desafios da vida uns com os outros conforme guiados pelo

Espírito, começamos a ter admiração uns pelos outros à medida que encontramos interesses comuns e compartilhamos experiências.

Escutar é uma parte fundamental da comunicação em que há atenção.⁸ Quando você escuta com atenção, sua oportunidade de ajudar outras pessoas a achegarem-se a Cristo aumenta à medida que você ganha mais compreensão e discernimento sobre as necessidades delas e à medida que elas se sentem amadas, compreendidas e seguras.

Aprecie as diferenças da mesma forma que as semelhanças.

“Alguns (...) [acreditam] que a Igreja deseja usar o mesmo molde para todos os membros — que todos devemos parecer, pensar, sentir e comportar-nos como todos os outros”, disse o élder Uchtdorf. “Isso contradiz a sabedoria de Deus, que criou cada homem diferente de seu irmão (...).”

A Igreja progride quando tiramos vantagem dessa diversidade e incentivamos uns aos outros a desenvolver e a usar nossos talentos para elevar e fortalecer nossos colegas discípulos.”⁹

Para amar as outras pessoas da mesma forma que Deus nos ama, precisamos ver as outras pessoas da mesma maneira que Deus as vê. O presidente Thomas S. Monson (1927–2018) ensinou: “Precisamos desenvolver a capacidade de ver [as outras pessoas] não como [elas] são no momento, mas como podem vir a ser”.¹⁰ Podemos orar pedindo ajuda para vermos as outras pessoas da mesma forma que Deus as vê. Ao tratarmos os outros com base em seu potencial de crescimento, eles provavelmente crescerão acima de todas as expectativas.¹¹

Sirva aos outros.

Tenha sensibilidade para com as necessidades daqueles a quem você ministra e desenvolva o desejo de conceder seu tempo e seus talentos, seja em momentos de necessidade ou simplesmente por você se importar com eles. Você pode estar presente para oferecer consolo, apoio e a ajuda necessária quando houver uma emergência, doença ou situação de urgência. Mas, na maioria dos relacionamentos, atuamos de forma reativa. Deus nos concedeu o arbítrio para que pudéssemos agir ao invés de receber a ação (ver 2 Néfi 2:14). O apóstolo João ensinou que nós amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro (ver 1 João 4:19). Da mesma forma, quando as outras pessoas sentem o nosso amor genuíno por meio dos atos de serviço que prestamos, isso pode enternecer corações e ampliar o amor e a confiança.¹² Isso cria uma espiral ascendente de atos bondosos que pode edificar relacionamentos. ■

NOTAS

1. Sharon Eubank, “Humanitarian Acts Must Be Rooted in Relationship, Sharon Eubank Says” [Ações humanitárias precisam estar alicerçadas em relacionamentos, afirma Sharon Eubank], mormonnewsroom.org.
2. Ver “Princípios para ministrar como o Salvador: Estender a mão em compaixão”, *Liahona*, julho de 2018, pp. 6–9.
3. Dieter F. Uchtdorf, “As coisas que mais importam”, *A Liahona*, novembro de 2010, p. 22.
4. Ver Dieter F. Uchtdorf, “As coisas que mais importam”, p. 22.
5. Ezra Taft Benson, “Aos mestres familiares da Igreja”, *A Liahona*, julho de 1987, p. 53.
6. Ver Charles A. Wilkinson e Lauren H. Grill, “Expressing Affection: A Vocabulary of Loving Messages” [Como expressar carinho: Um vocabulário de mensagens amorosas], em *Making Connections: Readings in Relational Communication [Construindo vínculos: Leituras em comunicação relacional]*, ed. Kathleen M. Galvin, 5ª ed., 2011, pp. 164–173.
7. Richard G. Scott, “As bênçãos eternas do casamento”, *A Liahona*, maio de 2011, pp. 95–96.
8. Ver “Princípios para ministrar como o Salvador: Cinco coisas que os bons ouvintes fazem”, *Liahona*, junho de 2018, pp. 6–9.
9. Dieter F. Uchtdorf, “Quatro títulos”, *A Liahona*, maio de 2013, p. 59.
10. Thomas S. Monson, “Ver os outros como eles podem vir a ser”, *A Liahona*, novembro de 2012, p. 69.
11. Ver Terence R. Mitchell e Denise Daniels, “Motivation” [Motivação], em *Handbook of Psychology [Manual de Psicologia]*, vol. 12, ed. Walter C. Borman e outros, 2003, p. 229.
12. Ver Edward J. Lawler, Rebecca Ford e Michael D. Large, “Unilateral Initiatives as a Conflict Resolution Strategy” [Iniciativas unilaterais como uma estratégia na solução de conflitos], *Social Psychology Quarterly [Psicologia Social no Trimestre]*, vol. 62, nº 3, setembro de 1999, pp. 240–256.



MINISTRAR COMO O SALVADOR

Jesus Cristo edificou relacionamentos significativos com Seus discípulos (ver João 11:5). Ele os conhecia (ver João 1:47–48). Passou tempo com eles (ver Lucas 24:13–31). Sua comunicação com eles foi além do superficial (ver João 15:15). Ele apreciava suas diferenças (ver Mateus 9:10) e enxergava seu potencial (ver João 17:23). Ele serviu a todos, embora fosse o Senhor de todos, declarando que viera não para ser servido, mas para servir (ver Marcos 10:42–45).

O que você pode fazer para desenvolver um relacionamento mais forte com as pessoas a quem serve?



**Bispo Gérald
Caussé**

Bispo presidente

O ALICERCE ESPIRITUAL DA

autossuficiência financeira da Igreja

Tive recentemente a oportunidade de visitar Kirtland, Ohio. Naquele local histórico, onde ocorreram muitos acontecimentos extraordinários da Restauração, os visitantes são convidados a refletir sobre a fé e o legado de homens e mulheres valorosos que estabeleceram os alicerces desta grande obra dos últimos dias. Embora o período de Kirtland tenha sido uma época de crescimento e manifestações espirituais inigualáveis, a maioria daqueles antigos santos era extremamente pobre e vivia em condições precárias. Eles tinham sacrificado tudo — em muitos casos, prósperas fazendas e profissões bem estabelecidas — para seguir Jesus Cristo e o Seu profeta, Joseph Smith.

Ao caminhar por aquele solo sagrado, não pude deixar de refletir sobre o drástico contraste existente entre a pobreza original de Kirtland e a relativa prosperidade que a Igreja e muitos de seus membros de várias gerações hoje desfrutam. O Senhor abençoou Sua Igreja e os santos dos últimos dias de modo extraordinário!

Essa abundância de bênçãos temporais se edifica sobre a promessa que Deus repetiu tantas vezes: “Se guardardes meus mandamentos, prosperareis na terra”.¹

Essa promessa é um dos pontos centrais da história e dos ensinamentos do Livro de Mórmon. Aparece em 18 diferentes versículos e em 7 de seus 15 livros. Embora a bênção de prosperidade mencionada nessas escrituras seja principalmente de natureza espiritual, inclui também a capacidade de o povo de Deus desfrutar progresso econômico e de se tornar materialmente autossuficiente.

Vale salientar que essa prosperidade material se origina no fiel cumprimento

Como líderes na Igreja, sentimos continuamente nossa grande responsabilidade de usar os sagrados dízimos e ofertas de um modo que seja agradável ao Senhor.



de alguns princípios orientadores que foram revelados pelo Senhor através de Seus profetas e se tornaram parte do cotidiano e da cultura dos santos dos últimos dias. Esses princípios incluem a lei do dízimo, a lei do jejum e a necessidade de instrução, emprego e autossuficiência. Os membros da Igreja também são aconselhados a não gastar mais do que ganham, a evitar dívidas desnecessárias e a se preparar para o futuro criando reservas materiais, inclusive de alimentos e bens financeiros.

À medida que esses princípios seculares foram ensinados aos membros, os líderes da Igreja também os implementaram em larga escala para toda a Igreja. Em suas normas financeiras e de investimentos, a Igreja simplesmente pratica a doutrina e os preceitos que ela ensina a seus membros. Vou abordar quatro desses princípios.

Primeiro princípio: A lei do dízimo

Numa revelação recebida por Joseph Smith em 8 de julho de 1838, o Senhor instruiu que “os que assim tiverem pagado o dízimo pagarão a décima parte de toda a sua renda anual”. A revelação também explicava que essa instrução, em particular, seria para todos os santos “uma lei permanente”.²

A lei do dízimo foi recebida naquele dia como mandamento do Senhor e como o restabelecimento de uma lei divina que havia sido seguida no passado pelo povo de Israel. Era um sinal do convênio feito pelo Senhor com Seu povo — de que se Lhe permanecessem fiéis, Ele os abençoaria tanto espiritual quanto materialmente. Atualmente, a lei do dízimo continua a ser uma prática essencial dos santos dos últimos dias, independentemente de onde residam, de sua condição social ou de suas circunstâncias materiais. Também é o alicerce da estabilidade financeira da Igreja.

Desde meu chamado para o Bispado Presidente, nunca deixei de me admirar com a fé e a lealdade dos membros da Igreja no cumprimento dessa lei. Sem o dízimo, a Igreja não seria capaz de realizar sua missão divina. Num memorável discurso de conferência geral, o presidente Gordon B. Hinckley (1910–2008) declarou: “Sou profundamente grato pela lei do dízimo. Para mim, é um milagre que se repete continuamente. É possível graças à fé das pessoas. É o plano concebido pelo Senhor para financiar a obra de Seu reino”.³

Naquele mesmo dia, em 1838, Joseph recebeu outra revelação na qual o Senhor esclareceu a maneira pela qual



Os membros que residem próximo de fazendas de propriedade da Igreja têm a oportunidade de trabalhar voluntariamente na colheita de frutas e legumes. A produção das fazendas da Igreja supre as fábricas de enlatados e os armazéns dos bispos para ajudar membros necessitados.

a utilização do dízimo deveria ser aprovada e administrada. Ele declarou: “Sua distribuição será feita por um conselho composto da Primeira Presidência de minha Igreja e do bispo e seu conselho e de meu sumo conselho; e por minha própria voz a eles, diz o Senhor”.⁴ O “bispo e seu conselho” e o “meu sumo conselho” mencionados nessa revelação são hoje conhecidos como o Bispado Presidente e o Quórum dos Doze Apóstolos, respectivamente.

Em nossos dias, essas instruções contidas na seção 120 de Doutrina e Convênios continuam a ser meticulosamente aplicadas. Toda primeira sexta-feira de dezembro, a Primeira Presidência, o Quórum dos Doze Apóstolos e o Bispado Presidente se reúnem para examinar e aprovar a alocação dos sagrados fundos da Igreja com base na estimativa dos dízimos e ofertas para o ano seguinte. A realização desse conselho garante que as decisões sejam tomadas em espírito de aconselhamento mútuo, revelação e unanimidade.

Como líderes na Igreja, sentimos continuamente nossa grande responsabilidade de usar os sagrados dízimos e ofertas de um modo que seja agradável ao Senhor. Conforme o élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze

Apóstolos, expressou com muita propriedade: “Temos profunda consciência da natureza sagrada da oferta da viúva”.⁵ O presidente Hinckley acrescentou:

“O dinheiro que a Igreja recebe dos membros fiéis é sagrado. O dinheiro pertence ao Senhor. (...) Os fundos pelos quais somos responsáveis envolvem um encargo sagrado que devemos tratar com absoluta honestidade e integridade e com extrema prudência, pois são a oferta consagrada do povo da Igreja.

Temos uma grande responsabilidade para com vocês que fazem as contribuições. Temos uma responsabilidade ainda maior para com o Senhor, a quem pertence esse dinheiro”.⁶

Não somos uma instituição financeira nem uma empresa comercial. Somos a Igreja de Jesus Cristo, e essa Igreja não tem outro objetivo além daquele que o próprio Senhor designou a ela — ou seja, convidar todos a “[vir] a Cristo [e a ser] aperfeiçoados nele”,⁷ por meio do empenho de “ajudar os membros a viverem o evangelho de Jesus Cristo, coligar Israel por meio do trabalho missionário, cuidar dos pobres e necessitados e possibilitar a salvação dos mortos por meio da edificação de templos e da realização de ordenanças vicárias”.⁸

Por norma, os sagrados fundos do dízimo são aprovados e destinados para sustentar a missão espiritual e religiosa da Igreja. São utilizados no sustento de seis áreas principais: (1) Prover e manter locais de adoração para mais de 30 mil congregações espalhadas pelo mundo inteiro; (2) administrar os programas de bem-estar e auxílio humanitário da Igreja, incluindo mais de 2.700 projetos em 2017;

Em julho de 2016, os Serviços Humanitários SUD doaram 280 cadeiras de rodas e triciclos movidos a mão em Karimnagar, Índia. Desde 2001, os Serviços Humanitários SUD já distribuíram mais de 500 mil cadeiras de rodas em 133 países.



(3) prover programas educacionais, incluindo escolas, universidades e programas de seminário e instituto da Igreja; (4) sustentar nossas operações missionárias no mundo inteiro, incluindo 420 missões e os recursos necessários para aproximadamente 70 mil missionários; (5) construir e operar quase 160 templos no mundo inteiro, com muitos outros ainda por vir, e administrar um crescente programa de história da família e preservação de registros; e (6) sustentar a administração geral da Igreja.

Sou profundamente grato pela lei do dízimo. É uma fonte de bênçãos, tanto espirituais quanto temporais, para a Igreja e para cada um de seus membros.

Segundo princípio: Autossuficiência e independência

O arbítrio pessoal é um dos maiores dons de Deus. É essencial para nosso progresso terreno e nossa salvação eterna. Ao tornarem-se temporal e espiritualmente autossuficientes, os filhos de Deus progridem em sua capacidade de fazer escolhas de modo independente para assim cumprir a plena medida de sua criação.

Portanto, não é de admirar que os profetas de nossa dispensação tenham incessantemente incentivado os membros da Igreja a esforçarem-se para se tornar autossuficientes. As palavras do presidente Hinckley são particularmente eloquentes:

“Rogo-lhes (...) que analisem sua situação financeira. Rogo-lhes que sejam comedidos em suas despesas, controlem-se no que se refere a compras, que evitem ao máximo as dívidas, que as paguem assim que possível e se livrem da servidão.

Isso faz parte do evangelho secular em que acreditamos. Que o Senhor os abençoe (...) para que coloquem sua casa em ordem. Se já liquidaram suas dívidas, se têm uma reserva, por menor que seja, então, mesmo que a tempestade venha sobre sua cabeça, vocês terão um abrigo para sua família e terão paz no coração”.⁹

O presidente Russell M. Nelson também enfatizou as bênçãos da autossuficiência ao declarar: “Trabalhando com disposição, os santos adquirem novo apreço pelo que são e por seu valor eterno. Retidão, independência, industriabilidade e autossuficiência se tornam metas pessoais. Esses atributos transformam vidas”.¹⁰

Assim como um orçamento coerente no lar permite que os membros e as famílias mantenham sua independência, a

prudente administração financeira é a chave que possibilita à Igreja agir de modo independente. Isso está de acordo com o mandamento divino dado por intermédio de Joseph Smith de que “pela (...) providência do Senhor, (...) a igreja permaneça independente, acima de todas as outras criaturas abaixo do mundo celestial”.¹¹

Essa providência é particularmente evidente em nossos dias. Regozijamo-nos no fato de que a Igreja alcançou completa independência financeira, sendo capaz de cumprir sua missão sem qualquer tipo de dívida. Como declarou o presidente Hinckley: “Quando não temos condições de realizar alguma coisa, fazemos cortes em nossos programas. Nunca faremos empréstimos”.¹²

Foram determinadas normas de administração financeira pelos líderes da Igreja, e elas são cuidadosamente aplicadas na elaboração do orçamento anual e da alocação de despesas. Essas normas incluem dois princípios simples e claros:

- Em primeiro lugar, o total de despesas nunca ultrapassa a renda prevista.
- Em segundo lugar, o orçamento para as despesas de operação não deve aumentar de ano em ano numa taxa mais rápida do que o crescimento previsto nas contribuições de dízimo.

Terceiro princípio: Viver previdente

Os membros da Igreja estão cientes do fato de que vivem numa época de calamidades, causadas tanto pelas ações humanas quanto pela fúria da natureza. As profecias sobre os últimos dias são inequívocas, e há grande sabedoria em nos prepararmos para o futuro — seja para possíveis fomes, desastres, depressões financeiras ou qualquer outra circunstância adversa imprevista. Os líderes da Igreja com frequência aconselham os membros a praticarem o viver previdente fazendo armazenamento doméstico, incluindo um estoque extra de água, produtos alimentícios básicos, medicamentos, roupas e outros suprimentos que podem ser necessários em caso de emergência. Os membros também têm sido aconselhados a “gradualmente fazer uma poupança economizando regularmente uma parte de sua renda”.¹³

Esse mesmo princípio de preparação temporal também tem sido aplicado em nível geral na Igreja. Por exemplo, grandes silos e armazéns repletos de artigos de necessidade básica emergencial foram estabelecidos por toda a América do Norte. A Igreja também segue metodicamente



Os membros obtêm ajuda na preservação de fotos de família em seu centro de história da família local. As doações de dízimos ajudam a financiar o trabalho de história da família da Igreja no mundo inteiro.

a prática de separar uma parte de seus recursos a cada ano para se preparar para quaisquer possíveis necessidades futuras.

O dinheiro separado é então acrescentado às reservas de investimento da Igreja. Ele é investido em ações e títulos, participação acionária majoritária em negócios tributáveis (alguns dos quais remontam ao início da história da Igreja em Utah), propriedades comerciais, industriais e residenciais, e participação acionária em projetos agrícolas. As reservas da Igreja são administradas por um grupo profissional de funcionários e consultores externos. Os riscos são diversificados, de modo consistente com uma administração sábia e prudente e com os princípios modernos de gestão de investimentos.

Na parábola dos talentos, o senhor que pediu uma prestação de contas a seus servos repreendeu aquele que não havia investido o dinheiro que lhe fora confiado, mas que, em vez disso, escondeu-o na terra. Ele chamou

o servo de “mau e negligente”¹⁴ por não investir aquele dinheiro de modo a obter um lucro financeiro razoável. De modo condizente com esse princípio espiritual, as reservas financeiras da Igreja não ficam ociosas em contas bancárias não produtivas, mas são empregadas onde possam gerar lucros.

Esse dinheiro investido pode ser acessado em momentos de dificuldade para garantir o trabalho contínuo e ininterrupto da missão, dos programas e das operações da Igreja, e para atender a necessidades financeiras emergenciais. Os fundos também são necessários para prover recursos financeiros adicionais para sustentar a missão da Igreja de se preparar para a Segunda Vinda do Senhor. Eles vão ajudar a sustentar o crescimento da Igreja à medida que se cumpre a profecia de que o evangelho de Jesus Cristo seria ensinado e que a Igreja seria estabelecida em todas as nações da Terra. Antecipamos que grande parte desse crescimento ocorrerá nas nações populosas e em desenvolvimento. Serão necessários meios financeiros sempre crescentes para prover milhares de capelas, novos templos e outros recursos essenciais para abençoar a vida dos membros, onde quer que residam. Em suma, todos esses fundos existem para o exclusivo objetivo de sustentar a missão da Igreja que lhe foi designada por Deus.

Quarto princípio: À maneira do Senhor

Paulo advertiu os santos de Corinto para que sua “fé não se apoiasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus”.¹⁵ Passei a compreender melhor a importância desse princípio quando fui chamado para servir no Bispado Presidente da Igreja.

Como Bispado, aconselhamo-nos mutuamente para estudar as questões, utilizando nossa formação pessoal, experiência e nosso conhecimento. Porém, no final, nossas decisões são tomadas em espírito de oração e pela busca constante de revelação no tocante à vontade do Senhor. Embora ponderemos coisas como indicadores macroeconômicos e análises financeiras, nossa meta final é cumprir nossas responsabilidades de modo a levar a efeito os desígnios do Senhor e a sagrada missão da Igreja de convidar todos a virem a Cristo. Essa meta só pode ser alcançada e implementada por meio de inspiração e pelo poder de Seu sacerdócio. Tendo em vista a instrução de fazer as coisas à maneira do Senhor, esse chamado me enche de humildade a cada dia.

Conclusão

Às vezes ouvimos algumas pessoas descreverem a Igreja atual como uma instituição poderosa e próspera. Isso pode ser verdade, mas a força da Igreja não pode ser medida meramente pelo número ou pela beleza de seus edifícios ou por seus recursos financeiros ou imobiliários. Como disse certa vez o presidente Hinckley: “Em realidade, a única riqueza verdadeira da Igreja é a fé que tem o seu povo”.¹⁶ A chave para a compreensão da Igreja é “vê-la não como uma empresa mundial, mas como um conjunto de milhões de membros fiéis reunidos em milhares de congregações em todo o mundo, seguindo a Cristo e cuidando uns dos outros e de seu próximo”.¹⁷

Em outras palavras, na Igreja o foco são as pessoas. O foco são os membros individualmente, que são unidos uns aos outros por crenças e convênios em comum. Eles são a força e o futuro da Igreja. Sinto-me profundamente grato pelas revelações dadas pelo Senhor nos primeiros dias da Restauração concernentes à lei do dízimo, à autossuficiência e independência, ao viver previdente e à tarefa de atender às necessidades dos santos à maneira do Senhor. Testifico que esses princípios são fonte de grandes bênçãos espirituais e temporais para os membros da Igreja, suas respectivas famílias e a Igreja como um todo. Esses princípios continuarão a guiar nossos passos e a dar suporte à missão da Igreja até o Salvador retornar. ■

Adaptado de um discurso proferido no Simpósio de História da Igreja de 2018, “Financing Faith: The Intersection of Business and Religion” [Financiar a fé: A interseção entre negócios e religião], na Universidade Brigham Young, em 2 de março de 2018.

NOTAS

1. Ver, por exemplo, 2 Néfi 1:20.
2. Doutrina e Convênios 119:4.
3. Gordon B. Hinckley, “Missões, templos e mordomia”, *A Liahona*, janeiro de 1996, p. 58.
4. Doutrina e Convênios 120:1.
5. David A. Bednar, “As janelas do céu”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 20.
6. Gordon B. Hinckley, “Verdadeiros santos dos últimos dias”, *A Liahona*, janeiro de 1998, p. 98.
7. Morôni 10:32.
8. *Manual 2: Administração da Igreja*, 2010, 2.2.
9. Gordon B. Hinckley, “Para os rapazes e para os homens”, *A Liahona*, janeiro de 1999, p. 66.
10. Russell M. Nelson, “Ao modo do Senhor”, *A Liahona*, julho de 1986, p. 27.
11. Doutrina e Convênios 78:14.
12. Gordon B. Hinckley, “Para os rapazes e para os homens”, p. 66.
13. *Manual 2*, 6.1.1.
14. Ver Mateus 25:14–30.
15. 1 Coríntios 2:5.
16. Gordon B. Hinckley, “A situação da Igreja”, *A Liahona*, julho de 1991, p. 66.
17. “The Church and Its Financial Independence” [A Igreja e sua independência financeira], 12 de julho de 2012, mormon newsroom.org.

ESFORÇAR-SE PARA SE TORNAR UMA MÃE INTELIGENTE E NOBRE

Lilian Pagaduan-Villamor

Eu estava tendo dificuldades para encontrar propósito na maternidade. Então um trecho de um antigo diário mudou minha perspectiva.

Sempre quis fazer uma grande contribuição para a ciência. Enquanto eu estudava na Universidade Brigham Young–Havaí, o Dr. Douglas Oba, um professor que me dava muito apoio, apresentou-me ao mundo da biotecnologia e biologia molecular e me instruiu a esse respeito. Eu até tive a oportunidade de trabalhar no laboratório molecular da Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, EUA, num estágio de verão.

Quando voltei para minha casa nas Filipinas, consegui um emprego no Laboratório de Análise de DNA, na Universidade das Filipinas. Os destaques de minha carreira incluíram o fato de trabalhar em vários projetos comunitários, participar de cursos e conferências e ser reconhecida pela comunidade científica local e internacional por minhas publicações na área de ciências. Também comecei a fazer pós-graduação. Sentia-me realizada em minha nova carreira.

Depois de dois anos de trabalho, casei-me com um amigo de infância no templo. Pouco depois, tivemos nosso primeiro bebê e, pela primeira

vez na vida, senti que estava tendo dificuldades. Não sabia como ter equilíbrio em cuidar do bebê, achar tempo para meu marido, acompanhar os cursos da minha pós-graduação, fazer malabarismos com os projetos e trabalhos no emprego e cumprir os chamados da Igreja. Conversei com meu marido sobre minhas dificuldades, e ele gentilmente sugeriu que eu pensasse em me afastar da minha carreira. Vi alguma sabedoria em seu conselho, mas ainda não estava disposta a abandonar minha vida profissional.

Quando eu estava grávida de nosso segundo filho, entrei em trabalho de parto prematuro, o que me obrigou a ficar acamada. Por fim, dei-me conta de que não podia fazer tudo ao mesmo tempo. Eu sabia que tinha de fazer uma escolha que fosse melhor para mim e para minha família. Depois de muito ponderar e orar, decidi largar meu trabalho científico e, em vez disso, dedicar todo o meu tempo para meus filhos.

Durante toda a vida, eu havia planejado me tornar mãe, porém não me dera conta do grande sacrifício que isso seria. Tentei ao máximo manter uma

atitude positiva, mas com frequência me sentia triste por minha carreira e minha pós-graduação terem sido interrompidas. Orei ao Pai Celestial pedindo força espiritual para cumprir meu papel de mãe de todo o coração. Meu marido ouviu pacientemente minhas preocupações. Incentivou-me a anotar meus pensamentos e sentimentos no diário, que eu não tinha conseguido atualizar por algum tempo devido à minha agenda atarefada.

Certo dia, enquanto meus filhos estavam dormindo, decidi dar uma olhada em meus antigos diários. Ao examiná-los, fiquei surpresa com a constância com que eu havia escrito sobre meu grande desejo de ser mãe quando eu era adolescente e jovem adulta solteira. Uma declaração em particular me tocou: “Vou me esforçar para me destacar em meu aprendizado acadêmico e espiritual a fim de ser uma mãe inteligente e nobre para meus filhos”.

Era desse entendimento que eu mais precisava! Senti o Espírito me testificar que eu tinha feito a escolha certa para minha família. Dei-me conta de que meus estudos e minha experiência





ESCOLHAS INSPIRADAS

“Quando sabemos a vontade do Senhor, podemos então

seguir em frente com fé para realizar nossos propósitos individuais. Uma irmã pode ser inspirada a dar continuidade a seus estudos e a frequentar a faculdade de medicina, permitindo que ela tenha um impacto significativo na vida de seus pacientes e no avanço da pesquisa médica. Para outra irmã, a inspiração pode levá-la a desistir de uma bolsa de estudos numa instituição de prestígio e, em vez disso, dar início a uma família bem antes do que se tornou comum nesta geração, permitindo que ela tenha um impacto significativo e eterno na vida de seus filhos agora.

Será possível que duas mulheres igualmente fiéis recebam respostas tão diferentes para as mesmas perguntas básicas? Sem dúvida! O que é certo para uma família pode não ser para outra. Por isso é tão importante não questionar as escolhas uns dos outros ou a inspiração por trás delas.”

Presidente M. Russell Ballard, presidente interino do Quórum dos Doze Apóstolos, “Women of Dedication, Faith, Determination, and Action” [Mulheres de dedicação, fé, determinação e ação], discurso proferido na conferência das mulheres da Universidade Brigham Young, 1º de maio de 2015, p. 4, womensconference.byu.edu.

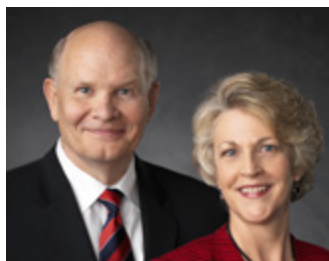
de trabalho não eram apenas para meu benefício, mas para o de meus filhos. Foi uma renovação de meu testemunho e de minha perspectiva eterna da maternidade.

Fui mãe em tempo integral por cinco anos. Por fim, concluí minha pós-graduação e voltei a trabalhar, quando meus filhos já estavam um pouco maiores. Estou aprendendo

continuamente a equilibrar meu tempo limitado para realizar meus deveres no trabalho, no lar e na Igreja, mas sei que tudo dá certo com a ajuda do Senhor. Continuo a ter experiências valiosas no “laboratório da vida” e sinto alegria e propósito na maternidade. ■

A autora mora em Metro Manila, Filipinas.





**Élder Dale G. Renlund
e irmã Ruth L. Renlund**

O élder Renlund é
membro do Quórum dos
Doze Apóstolos.

A bela dádiva do sacramento

*Orem para serem renovados ao tomarem
o sacramento e se lembrarem do Salvador.*

Em abril de 2017, tivemos a oportunidade de ajudar na visita pública do Templo de Paris França antes de sua dedicação em 21 de maio de 2017. Nos jardins do templo, há uma bela estátua do *Cristo*. É uma cópia da obra-prima original criada em 1838 pelo escultor dinamarquês Bertel Thorvaldsen. Essa estátua tem um local de destaque nos jardins, declarando a todos os que ali chegam nossa crença em Jesus Cristo. A majestade, o tamanho e o ambiente são impressionantes. Os visitantes são atraídos para essa representação do Senhor ressuscitado e com frequência querem tirar fotos de si mesmos naquele lugar.

A estátua costuma ser chamada de *Cristo Consolador*. Um consolador é alguém que consola.¹ Consolar significa confortar alguém num momento de dor ou decepção, dar alento, ter empatia, sentir pena ou demonstrar compaixão por uma pessoa.² Para nós, o *Cristo* transmite esses atributos divinos do Salvador.

A estátua original do *Cristo Consolador* está localizada na *Vor Frue Kirke*, a Igreja de Nossa Senhora, em Copenhague, Dinamarca. Cercada por estátuas dos doze apóstolos, o *Cristo* está num nicho ladeado por colunas. Acima e abaixo da estátua, há inscrições de versículos bem conhecidos da Bíblia.



Christus Consolator [Cristo Consolador], na Igreja de Nossa Senhora, em Copenhague, Dinamarca.

Na inscrição de cima, no painel sobre as duas colunas, estão estas palavras em dinamarquês: “DENNE ER MIN SØN DEN ELSKELIGE HØRER HAM”. Em português: “Este é Meu Filho Amado. Ouve-O!”

Essas palavras foram proferidas por Deus, nosso Pai Celestial, quando Jesus foi transfigurado em um monte, diante de Pedro, Tiago e João. O versículo completo diz o seguinte: “E desceu uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, e saiu da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu filho amado; a ele ouvi” (Marcos 9:7).

No pedestal sobre o qual se ergue o *Cristo Consolador*, lemos estas palavras em dinamarquês: “KOMMER TIL MIG”. Em português: “Vinde a mim”. De todas as palavras proferidas pelo Salvador, nada é mais suplicante e significativo para nós do que estas: “Vinde a mim”.

O versículo completo diz: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mateus 11:28).

Nessa estátua original do *Cristo Consolador*, temos tanto o convite do Pai para que ouçamos Seu Filho Unigênito

quanto o convite do Filho para que nos acheguemos a Ele. Em perfeita união, Eles nos convidam todos a ouvir e a nos chegar.

Esse é o caminho de volta a nosso lar celeste. “Cremos que, por meio da Expição de Cristo, toda a humanidade pode ser salva, por obediência às leis e ordenanças do Evangelho” (Regras de Fé 1:3). Uma pessoa só pode se chegar plenamente a Jesus Cristo recebendo o evangelho restaurado. “[Recebemos] o evangelho restaurado por meio da fé em Jesus Cristo e em Sua Expição, do arrependimento, do batismo, de se receber o dom do Espírito Santo e de perseverar até o fim.”³

A doutrina de Cristo

Essa é a mensagem unificada do Pai e do Filho. Eles querem que todos os filhos do Pai Celestial sigam a doutrina de Cristo. Para que não haja confusão, a expressão “a doutrina de Cristo” significa o mesmo que o evangelho de Cristo.

	2 Néfi 31	3 Néfi 9	3 Néfi 11	3 Néfi 27	Total
Fé	1	2	4	1	8
Arrependimento	5	4	4	3	16
Batismo	10	0	13	3	26
Espírito Santo	8	2	6	1	17
Perseverar	3	0	0	3	6
Pai	14	5	20	25	64

Para enfatizar a unidade de propósito do Pai e do Filho em Sua mensagem referente à doutrina de Cristo, vejamos esta tabela.

Sabemos que os capítulos aqui citados (2 Néfi 31, 3 Néfi 9, 3 Néfi 11 e 3 Néfi 27) contêm a doutrina de Cristo. Esses capítulos mencionam com frequência a fé, o arrependimento, o batismo, o Espírito Santo e a perseverança até o fim. O número de vezes que cada uma dessas coisas é mencionada está tabulado. Como podem ver, a fé é mencionada 8 vezes; o arrependimento, 16 vezes; o batismo, 26 vezes; o Espírito Santo, 17 vezes; e perseverar até o fim, 6 vezes.

O que talvez seja surpreendente, porém, é que também encontramos muitas referências ao Pai nesses capítulos. De fato, Ele é mencionado especificamente 64 vezes. Isso é mais do que o número de vezes que se menciona o batismo.⁴ A partir disso, podemos saber que a doutrina de Cristo é a doutrina tanto do Pai quanto do Filho.

Vamos analisar mais profundamente algumas referências feitas ao Pai:

“E disse o Pai: Arrependei-vos, arrependei-vos e sede batizados em nome do meu Filho Amado.

E também veio a mim a voz do Filho, dizendo: Àquele que for batizado em meu nome o Pai dará o Espírito Santo, como a mim; segui-me, pois; e fazei as coisas que me vistes fazer. (...)

E [eu Néfi] ouvi a voz do Pai, dizendo: Sim, as palavras do meu Amado são verdadeiras e fiéis. Quem perseverar até o fim, esse será salvo” (2 Néfi 31:11–12, 15).

O Pai, o Filho e o Espírito Santo testificam que esse é o único caminho.

Ecoando as palavras de Mateus, o Pai e o Filho nos dizem que devemos nos acercar a Cristo e tomar sobre nós o Seu jugo, porque os fardos que carregamos podem assim se tornar leves e podemos encontrar descanso. Todos carregamos fardos. Estamos sobrecarregados de pecados, tristezas, vícios, enfermidades, culpa ou vergonha. Nessas dificuldades, o fato de nos voltar a Cristo proporciona cura, esperança e consolo.

A doutrina de Cristo — fé, arrependimento, batismo e o dom do Espírito Santo — não é algo para ser vivenciado uma única vez na vida. Nossa teologia ensina que nos tornamos aperfeiçoados “confiando plenamente” na doutrina e nos méritos de Cristo (2 Néfi 31:19). Isso significa que repetimos os passos da doutrina de Cristo por toda a vida. Cada passo nos edifica sobre o passo anterior, e essa sequência deve ser vivenciada repetidas vezes.

Ao exercermos a fé, ela se fortalece. Ao procurarmos nos arrepender continuamente, progredimos. Podemos progredir, por esforço próprio, deixando de ter apenas experiências ocasionais com o Espírito Santo, passando a tê-Lo como nosso companheiro constante. Além disso, ao longo da vida, podemos aprender a respeito dos atributos de Jesus Cristo e desenvolver essas mesmas qualidades.⁵ Ao nos tornar cada vez mais semelhantes a Ele, nosso coração é mudado, e passamos a ser capazes de perseverar até o fim (ver, por exemplo, 2 Néfi 31:2–21; 3 Néfi 11:23–31; 27:13–21; Morôni 4:3; 5:2; 6:6; D&C 20:77, 79; 59:8–9).



É fácil perceber como todos os passos da doutrina de Cristo podem ser repetidos e desenvolvidos ao longo da vida. Mas e o batismo? Afinal de contas, somos batizados apenas uma vez na vida.

O sacramento da ceia do Senhor

Para responder a essa pergunta, devemos levar em consideração uma obra-prima teológica escrita pelo élder James E. Talmage (1862–1933), do Quórum dos Doze Apóstolos, intitulada *Regras de Fé*. Esse livro foi publicado pela primeira vez em 1899 e respondeu a perguntas sobre a Igreja e seus ensinamentos fundamentais para as gerações subsequentes que o leram e estudaram.

No sumário, vemos que cada capítulo, com exceção da introdução, está associado a uma das 13 regras de fé.⁶ Algumas regras de fé são abordadas em mais de um capítulo, mas cada capítulo está associado a uma única regra de fé.

É interessante notar que o capítulo 9, intitulado “O sacramento da ceia do Senhor”, aparece logo depois do capítulo sobre o Espírito Santo.⁷ O élder Talmage associou esse capítulo com a regra de fé número quatro.

No início do capítulo 9, o élder Talmage escreveu: “Durante o estudo dos princípios e ordenanças do

evangelho, conforme se acham especificados na quarta Regra de Fé, o tema do sacramento da ceia do Senhor merece muito apropriadamente a nossa atenção, pois se requer que observem essa ordenança todos os que são membros da Igreja de Cristo, cumprindo os requisitos de fé, arrependimento e batismo da água e do Espírito Santo”.⁸

Tendo essas palavras em mente, podemos entender por que o élder Talmage associou o sacramento à quarta regra de fé. O sacramento é a próxima ordenança de que todos necessitam depois de serem confirmados membros da Igreja.

O sacramento é a próxima ordenança de que um homem necessita depois de receber o Sacerdócio de Melquisedeque.

O sacramento é a próxima ordenança de que as pessoas necessitam depois de receberem a investidura do templo.

O sacramento é a próxima ordenança de que um casal necessita depois de ser selado.

O sacramento é a próxima ordenança de que necessitamos. O sacramento é essencial para termos fé em Jesus Cristo, para nos arrependermos do pecado e para sentirmos a influência do Espírito Santo em nossa vida. É o mecanismo essencial pelo qual renovamos os convênios e as bênçãos do batismo.

O *Manual 2* declara: “Os membros da Igreja receberam o mandamento de reunir-se frequentemente e participar do sacramento para lembrar-se sempre do Salvador e renovar os convênios e as bênçãos do batismo”.⁹ Talvez vocês se perguntem: “Que bênçãos?” Sem dúvida, a contínua investidura do Santo Espírito é uma bênção do batismo. Mas o efeito purificador do batismo, uma de suas bênçãos mais maravilhosas, também é renovado?

Pensem nesta declaração do presidente Dallin H. Oaks, primeiro conselheiro na Primeira Presidência: “Recebemos o mandamento de arrependermos de nossos pecados, achegarmos-nos ao Senhor com o coração quebrantado e o espírito contrito e tomarmos o sacramento. (...) Testificamos que estamos dispostos a tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo, recordá-Lo sempre e guardar Seus mandamentos. Quando cumprimos esse convênio, o Senhor restaura o efeito purificador de nosso batismo. Tornamo-nos limpos e podemos ter sempre Seu Espírito conosco”.¹⁰

Atentemos, porém, ao fato de que “o sacramento não foi instituído com o propósito expresso de obter a remissão de pecados”.¹¹ Em outras palavras, você não pode pecar deliberadamente no sábado à noite e esperar que seja milagrosamente perdoado por comer um pedaço de pão e beber um pouco de água no domingo. O arrependimento é um processo mais complexo, que exige remorso e abandono do pecado. O arrependimento premeditado é repugnante ao Salvador.

Tornamo-nos dignos do poder purificador de Jesus Cristo quando tomamos o sacramento dignamente.¹² Esse é o modo de nos manter “limpo[s] das manchas do mundo” (D&C 59:9). O sacramento da ceia do Senhor segue devidamente o batismo na repetida aplicação da doutrina de Cristo no progresso dos santos dos últimos dias rumo à perfeição.

Temos que seguir esse caminho, e o sacramento se torna a ordenança subsequente ao batismo e ao recebimento do Espírito Santo. A preparação para o sacramento exige ponderação e atenção. Não podemos esperar que o sacramento seja uma experiência espiritual se estivermos

correndo de um lado para o outro, enviando mensagens de texto no celular ou distraídos de alguma outra maneira.

Por isso, devemos ir cedo para a igreja. Quando o sacramento começar, certifiquem-se de que seus pensamentos estejam concentrados no Salvador, em Sua Expição, em Seu amor e em Sua compaixão. Orem para ser renovados ao tomarem o sacramento e se lembrarem Dele.

Uma lição de Ruanda

Em 1994, um horrível genocídio ocorreu em Ruanda. Cerca de 600 mil a 900 mil pessoas foram mortas num período de 60 a 90 dias.

Tempos depois, a Igreja estabeleceu um ramo na capital, Kigali. O ramo estava indo bem, sem missionários de tempo integral. Em 2011, estávamos servindo na Área África Sudeste, quando ficamos sabendo, com tristeza, que nosso registro como igreja no país de Ruanda era inválido, o que significava que estávamos funcionando ilegalmente como Igreja. Também fomos informados de que nosso local de reuniões, um sobrado convertido em capela, não tinha zoneamento adequado para a realização das reuniões da Igreja. A presidência de área, após consultar nosso primeiro contato no Quórum dos Doze, tomou a dolorosa decisão de fechar o ramo. Nossos membros não poderiam mais frequentar as reuniões da Igreja.

Vários advogados em Kigali, Salt Lake City e Joanesburgo, África do Sul, começaram a trabalhar diligentemente para solucionar os problemas. Enquanto isso, os santos ficavam perguntado quando poderiam voltar a se reunir. Meses se passaram sem nenhuma solução nem progresso.

Aproximadamente dez meses depois, fomos de avião até Kigali visitar os santos e tentar animar seu espírito. Antes disso, pedimos que a questão fosse colocada na lista de orações do templo da reunião semanal da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze.

Na terça-feira anterior à nossa viagem agendada de Joanesburgo para Kigali, fomos informados de que, num gesto surpreendente, o governo havia concedido um registro provisório para a Igreja em Kigali. Então, na quinta-feira

daquela mesma semana, a comissão de zoneamento concedeu uma isenção da lei de zoneamento. Os santos de Kigali poderiam se reunir novamente em nosso prédio, sem violar a lei.

Foi um milagre! Rapidamente os membros foram avisados de que o ramo se reuniria no domingo. Chegamos na sexta-feira e convidamos os membros a irem à igreja. Quando chegou o domingo, todos os membros — *todos* eles — e muitos de seus amigos foram à igreja. Chegaram cedo, ávidos por se reunirem novamente. Quando o sacramento foi abençoado e distribuído, todos sentimos uma extraordinária renovação, revigoramento e purificação do espírito.

Lembramos que, durante a reunião, ficamos nos perguntando por que não sentíamos aquele mesmo espírito todas as semanas ao tomarmos o sacramento. Olhamos em volta para os santos e percebemos que eles tinham ido para a Igreja famintos e sedentos do sacramento. Sua fé, diligência e paciência nos proporcionaram bênçãos a todos. Rogamos que, sempre que voltássemos a tomar o sacramento, recordássemos aquela experiência com os santos de Kigali. Comprometemo-nos a também estar famintos pelas bênçãos de tomar o sacramento.

Vocês devem se lembrar de que, após instituir o sacramento entre os nefitas, o Salvador lhes indicou que o sacramento era o ponto-chave para que eles se estabelecessem sobre Sua rocha. Ele disse:

“E dou-vos um mandamento de que façais estas coisas [tomar o sacramento]. E fazendo sempre estas coisas, abençoados sois, porque estais edificados sobre a minha rocha.

Mas todos aqueles dentre vós que fizerem mais ou menos do que isto não estão edificados sobre a minha rocha, mas edificados sobre um alicerce de areia; e quando as chuvas descerem e as inundações chegarem e os ventos soprarem e baterem contra eles, cairão” (3 Néfi 18:12–13).

O sacramento é uma bela dádiva que recebemos a cada domingo, que nos ajuda em nosso progresso na Terra. Por meio do sacramento, vivenciamos um importante elemento da doutrina de Cristo, que nos leva para mais perto de

nosso Salvador, e sentimos Seu amor e perdão em nossa vida. Somos gratos por esses momentos a cada semana, que nos ajudam a nos manter concentrados no Salvador.

“Só para mim”

Uma amiga nossa, da África do Sul, contou-nos como compreendeu isso. Quando Diane era recém-conversa, frequentava um ramo nas imediações de Joanesburgo. Em um domingo, ao se sentar com a congregação, a maneira como a capela foi construída impediu que o diácono a visse ao distribuir o sacramento. Diane ficou triste, mas não disse nada. Outro membro percebeu o ocorrido e comentou com o presidente do ramo após a reunião. Quando a Escola Dominical começou, Diane foi convidada a entrar em uma sala vazia.

Um portador do sacerdócio entrou, ajoelhou-se, abençoou o pão e deu a ela um pedaço. Ela comeu. Ele se ajoelhou de novo e abençoou a água e passou a ela um copinho. Ela bebeu. Diane pensou imediatamente em duas coisas: “Ah, ele [o portador do sacerdócio] fez isso só para mim”, e depois, “Ah, Ele [o Salvador] fez isso só para mim”. Por meio do sacramento, Diane sentiu o amor do Pai Celestial só por ela.

Sua percepção de que o sacrifício do Salvador foi só para ela ajudou-a a se sentir próxima Dele e lhe despertou um profundo desejo de ter aquele sentimento no coração não somente aos domingos, mas todos os dias. Percebeu que, embora ela se sentasse em uma congregação para tomar o sacramento, os convênios que renovava a cada domingo eram individuais. O sacramento ajudou e continua a ajudar Diane a sentir o poder do amor de Deus, a reconhecer a mão do Senhor em sua vida e a se aproximar do Salvador.¹³

Nosso convite é o mesmo feito por Morôni:

“Sim, vinde a Cristo, sede aperfeiçoados nele e negai-vos a toda iniquidade; e se vos negardes a toda iniquidade e amardes a Deus com todo o vosso poder, mente e força, então sua graça vos será suficiente; e por sua graça podeis ser perfeitos em Cristo; e se pela graça de Deus fordes



perfeitos em Cristo, não podereis, de modo algum, negar o poder de Deus.

E novamente, se pela graça de Deus fordes perfeitos em Cristo e não negardes o seu poder, então sereis santificados em Cristo pela graça de Deus, por meio do derramamento do sangue de Cristo, que está no convênio do Pai para a remissão de vossos pecados, a fim de que vos torneis santos, sem mácula” (Morôni 10:32–33).

Isso acontece se aplicarmos a doutrina de Cristo, vendo o sacramento como a ordenança subsequente ao batismo e ao recebimento do Espírito Santo. Desse modo, podemos “[confiar] plenamente nos méritos daquele que é poderoso para salvar” (2 Néfi 31:19). Somos imensamente gratos pelo sacramento: como ele nos ensina e nos lembra a cada semana do que o Salvador fez por nós. Somos imensamente gratos a Ele porque sabemos que Ele expiou só por nós, individualmente.

Quando falou aos nefitas, o Salvador disse *quando* as chuvas, as inundações e os ventos chegarem. Ele não disse *se*. De fato, as chuvas, os ventos e as inundações chegam para todas as pessoas. Mas Ele nos disse que a maneira de estarmos estabelecidos em Sua rocha é confiar Nele ao tomarmos o sacramento (ver 3 Néfi 15:9; 18:1).

Chegará um momento na vida de cada um de vocês em que haverá hesitação em ir à igreja e tomar o

sacramento. Se isso ainda não aconteceu, vai acontecer. Mas saibam disto: se vocês seguirem a orientação do Salvador e tomarem o sacramento com o coração quebrantado e um espírito contrito, serão derramadas sobre vocês bênçãos que os manterão bem fundamentados, seguros e assentados sobre o firme alicerce que é Jesus Cristo. Sua decisão de fazê-lo afetará a eternidade. Vocês vão se firmar sobre Jesus Cristo, o autor e consumidor de nossa fé. ■

Extraído de um discurso intitulado “Come unto Christ” [Vinde a Cristo], proferido num devocional da Universidade Brigham Young–Idaho, em 26 de setembro de 2017.

NOTAS

1. Ver *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*, 11ª ed., 2003, “consolator” [consolador].
2. Ver *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*, “console” [consolar].
3. *Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 1.
4. Inclui todas as referências inequívocas ao Pai.
5. Ver *Pregar Meu Evangelho*, capítulo 6, pp. 121–134.
6. Ver James E. Talmage, *Regras de Fé*, 12ª ed., 1924, pp. v–x.
7. Ver Talmage, *Regras de Fé*, p. viii.
8. Talmage, *Regras de Fé*, p. 149.
9. *Manual 2: Administração da Igreja*, 2010, 2.1.2.
10. Dallin H. Oaks, “Testemunhas especiais de Cristo”, *A Liahona*, abril de 2001, p. 14.
11. Talmage, *Regras de Fé*, p. 152.
12. Ver Dallin H. Oaks, “A reunião sacramental e o sacramento”, *A Liahona*, novembro de 2008, p. 17.
13. Ver Dale G. Renlund, “Para que eu (...) pudesse atrair a Mim todos os homens”, *A Liahona*, maio de 2016, p. 41.

ADORAÇÃO

NUMA ERA DIGITAL

Adam C. Olson

Revistas da Igreja

Num domingo, enquanto o sacramento estava sendo distribuído, a presidente da Sociedade de Socorro da ala, que é minha conhecida, pegou seu celular para ler “O Cristo Vivo: O Testemunho dos Apóstolos”. Inspirada por esse testemunho apostólico do Salvador, sentiu-se renovada em seu compromisso de sempre se lembrar Dele.

Contudo, seus sentimentos positivos se dissiparam alguns dias depois quando ela recebeu pelo correio uma carta anônima de um membro da ala. O autor a criticava por dar um mau exemplo, usando o celular na reunião sacramental. Ela se sentiu arrasada.

Certamente ela não tivera a intenção de ofender ninguém ao usar seu celular. Raramente o usava na capela, e somente quando sentia que era adequado. Mas, depois de receber a carta, começou a ter dúvidas sobre sua conduta.

Um novo desafio

Todas as gerações têm seus desafios. Um estudo relata que em 2020 haverá mais pessoas com celulares (5,4 bilhões) do que com água encanada (3,5 bilhões).¹ Acrescentando-se a isso os tablets, “phablets” e outros dispositivos conectados à internet, temos um mundo que se debate com a pergunta: Qual é a “etiqueta digital” adequada?

À medida que os pais, líderes e professores enfrentam dificuldades para decidir qual

é a etiqueta digital adequada num ambiente da Igreja, opiniões diferentes têm resultado em maneiras muitas vezes conflitantes de lidar com os dispositivos digitais nas reuniões da Igreja.

Os líderes da Igreja deram conselhos sobre as bênçãos e os perigos do uso da tecnologia. Contudo, nem sempre eles nos dão detalhes específicos de tudo o que devemos ou não devemos fazer ao colocarmos o evangelho em prática (ver Mosias 4:29–30). Espera-se que os membros estudem o assunto por si mesmos e busquem a orientação do Espírito Santo para tomar decisões. Infelizmente, como na situação descrita acima, às vezes adotamos não somente determinada postura, mas também temos uma atitude crítica em relação aos que diferem de nosso ponto de vista.

Inspirados por Deus, explorados por Satanás

Deus nos ofereceu as bênçãos da tecnologia para nosso benefício e para o progresso de Sua obra.² Portanto, embora alguns membros usem os dispositivos digitais de modo impróprio, o élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou que “não devemos permitir que o medo de cometer erros nos impeça de receber as grandes bênçãos que essas ferramentas podem proporcionar”.³ Precisamos aprender a usá-las adequadamente e ensinar nossos filhos a fazer o mesmo.



Pense nestes três princípios para o uso adequado de dispositivos eletrônicos na capela.

Os dispositivos móveis ajudam os membros da Igreja no estudo do evangelho, no trabalho de história da família e do templo e na propagação do evangelho. Mais de 3 milhões de pessoas usaram, por exemplo, o aplicativo Biblioteca do Evangelho em janeiro de 2018. O tempo de estudo combinado deles equivale a mais de mil anos.

Além de observar essas bênçãos, os líderes da Igreja também nos advertem sobre os perigos em potencial, que incluem o desperdício de tempo, os relacionamentos prejudicados e as armadilhas do pecado.⁴ No ambiente da Igreja, o uso impróprio pode distrair a nós mesmos e a outros da adoração e do aprendizado que são fundamentais para o desenvolvimento de nosso relacionamento com Deus.

Contudo, esses perigos não se restringem aos dispositivos digitais. “Algumas dessas ferramentas — como ocorre com qualquer ferramenta em mãos inexperientes ou indisciplinadas — podem ser perigosas”, ensinou o élder M. Russell Ballard, presidente interino do Quórum dos Doze Apóstolos. “Isso não é diferente do modo como as pessoas escolhem usar a televisão ou os filmes ou até mesmo uma biblioteca. Satanás é sempre rápido em explorar o poder negativo das novas invenções, em estragar, degradar e neutralizar qualquer efeito para o bem.”⁵

Dispositivos móveis na reunião sacramental

Tendo em vista as bênçãos em potencial — bem como as possíveis distrações — que esses dispositivos digitais proporcionam, de que modo os membros decidem qual abordagem utilizar? Joseph Smith sugeriu a força de uma abordagem baseada em princípios quando disse: “Ensina-lhes princípios corretos, e eles governam-se a si mesmos”.⁶

Examinamos aqui alguns princípios que podem ser úteis ao tomarmos decisões sobre a utilização de dispositivos móveis na reunião sacramental. Para um debate sobre o uso adequado de dispositivos digitais nas salas de aula, ver o artigo “Ensinar usando a tecnologia: Como envolver os jovens num mundo digital”, do irmão Brian K. Ashton, segundo conselheiro na presidência geral da Escola Dominical, na página 30 desta edição.

Princípio 1: Minhas escolhas apoiam a adoração.

Na reunião sacramental, devemos “[prestar nossa] devoção ao Altíssimo” (D&C 59:10). O presidente Dallin H. Oaks, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, ensinou que devemos nos concentrar na renovação de nossos convênios e em nossa fé no Senhor Jesus Cristo e em Sua Expição.⁷ O que decidirmos fazer na reunião sacramental deve nos ajudar a realizar essas coisas.

Tendo em vista esse enfoque, caso surja a necessidade, podemos usar de modo adequado nossos dispositivos para:

- **Enriquecer nossa adoração.** Um membro pode usar um dispositivo digital durante a reunião sacramental para procurar escrituras, cantar hinos ou anotar impressões espirituais.
- **Ministrar.** O bispo pode perceber que um membro novo ou menos ativo entrou na capela e foi para o fundo do salão durante a reunião sacramental e, caso se sinta inspirado a fazê-lo, pode enviar uma mensagem de texto para o líder da missão da ala a fim de que ele dê boas-vindas à pessoa e a convide para a aula de princípios do evangelho depois da reunião.
- **Facilitar a conectividade essencial.** Médicos, socorristas e outros profissionais de plantão podem participar dos serviços de adoração por saberem que podem ser chamados, se necessário, por meio de seus dispositivos móveis.

Ao procurarmos nos concentrar no Salvador, é importante lembrar que nossos dispositivos podem facilitar nosso estudo, mas não podem aprender por nós. Podem nos dar algo sobre o que refletir, mas não podem pensar por nós. Podem até nos lembrar de orar, mas a oração é algo que temos de fazer por nós mesmos.

O élder Bednar ensinou que nosso relacionamento com Deus é real, não virtual.⁸ Não podemos dar um clique duplo nele nem o baixar.⁹ Então, embora a presidente da Sociedade de Socorro do início deste artigo tenha usado seu celular para ajudá-la a concentrar seus pensamentos em Cristo, o convênio que ela estava renovando não era com seu telefone, mas, sim, com Ele. A jornada que seu dispositivo a ajudou a iniciar precisaria terminar em seus pensamentos, suas orações e suas ações.

Princípio 2: Minimizar as distrações.

Devemos todos nos esforçar para criar um ambiente que promova nossa concentração na adoração e no aprendizado. É importante minimizar as distrações. Esse princípio se aplica a muitas situações, desde o modo como conversamos ou lidamos com crianças inquietas até como usamos nossos dispositivos digitais.

Há inúmeras maneiras de nos distrairmos com um dispositivo que foi projetado para fazer muitas coisas. Evidentemente ver vídeos, ouvir música ou nos entreter com jogos são coisas que dificultam nossa concentração nas reuniões sacramentais. Porém, o mesmo se aplica à visualização de e-mails, mensagens de texto, sites de mídia social, placares de jogos e muitos outros plim-plins, zunidos e ícones que nos atraem para eventos, relacionamentos e conversas que existem fora da reunião. Tudo isso e muitas outras coisas podem distrair nossa atenção e a de pessoas que estão a vários bancos de distância.

Para aqueles que querem eliminar inteiramente as distrações digitais, talvez convenha deixar os dispositivos em casa ou desligá-los. Para aqueles que usam os dispositivos para apoiar sua adoração, mas não querem distrair outras pessoas, talvez baste silenciar o dispositivo, configurá-lo de modo a não perturbar outros ou colocá-lo em modo avião.¹⁰



Princípio 3: Concentrar-me em minha própria adoração.

Sempre haverá distrações de um tipo ou de outro, e nem todas são digitais. Isso pode incluir um bebê inquieto, um inseto que zune ou o trânsito na rua. Somos os principais responsáveis pelo que obtemos a partir de nossa adoração. Então, se alguém se esquecer de colocar o celular no modo avião, precisamos tentar nos colocar no modo “ignorar distrações”.

O presidente Russell M. Nelson ensinou: “Cada membro da Igreja é responsável pelo crescimento espiritual que advém da reunião sacramental”.¹¹

Se notarmos pessoas a nosso redor usando seus dispositivos, precisamos tomar cuidado para não presumir que estejam fazendo algo impróprio só por ser num dispositivo digital. Se a pessoa for uma criança ou alguém por

quem somos responsáveis devido a nosso chamado, pode ser adequado verificarmos que tipo de uso estão fazendo se o Espírito assim indicar. Caso contrário, devemos tentar retornar à nossa própria adoração.

Aprender juntos

Numa declaração que engloba esses princípios, o presidente Oaks aconselhou: “Durante a reunião sacramental, particularmente durante o sacramento, devemos concentrar-nos em adorar a Deus e abster-nos de todas as outras atividades, especialmente as que interfiram na adoração dos outros”.¹²

Há muitos outros princípios que podem ajudar a orientar nosso uso. À medida que os dispositivos digitais se tornam uma parte cada vez mais comum de nossa cultura, todos precisamos nos empenhar juntos para solucionar as dúvidas sobre o que é adequado. Como cada situação é diferente de todas as outras e a tecnologia vai continuar a mudar, precisamos examinar continuamente nosso próprio uso, levar em consideração perspectivas novas ou diferentes e estar dispostos a perdoar aos outros enquanto aprendemos juntos. ■

NOTAS

1. Ver “10th Annual Cisco Visual Networking Index (VNI) Mobile Forecast Projects 70 Percent of Global Population Will Be Mobile Users” [A previsão de dados móveis do décimo índice anual de redes visuais (VNI) da Cisco prevê que 70 por cento da população global usará dispositivos móveis], 3 de fevereiro de 2016, newsroom.cisco.com.
2. Ver David A. Bednar, “Apóstolo dá conselhos sobre as redes sociais da internet”, *A Liahona*, janeiro de 2015, p. 17; *Discursos de Brigham Young*, comp. por John A. Widtsoe, 1954, pp. 18–19.
3. Em Sarah Jane Weaver, “Elder Bednar Tells 2016 Mission Presidents Not to Fear Technology” [O élder Bednar diz aos presidentes de missão de 2016 que não temam a tecnologia], 6 de julho de 2016, news.LDS.org.
4. Ver “Elder Bednar Tells 2016 Mission Presidents”.
5. M. Russell Ballard, “Compartilhar o evangelho usando a internet”, *A Liahona*, junho de 2008, p. N2.
6. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 295.
7. Ver Dallin H. Oaks, “A reunião sacramental e o sacramento”, *A Liahona*, novembro de 2008, p. 17.
8. Ver David A. Bednar, “As coisas como realmente são”, *A Liahona*, junho de 2010, p. 22.
9. Ver Scott D. Whiting, “Digital Detachment and Personal Revelation” [Desapego digital e revelação pessoal], *Ensign*, março de 2010, pp. 16–21.
10. Ver M. Russell Ballard, “Aquietai-vos, e sabeí que eu sou Deus”, devocional do Sistema Educacional da Igreja, 4 de maio de 2014, LDS.org/broadcasts.
11. Russell M. Nelson, “Adoração na reunião sacramental”, *A Liahona*, agosto de 2004, p. 14.
12. Dallin H. Oaks, “A reunião sacramental e o sacramento”, p. 18.



Brian K. Ashton

Segundo conselheiro
na presidência geral
da Escola Dominical

Ensinar usando a tecnologia: **COMO ENVOLVER OS JOVENS NUM MUNDO DIGITAL**

*Como a tecnologia pode servir de aliada em vez de
inimiga na sala de aula?*

Ao visitar as alas e estacas na Igreja, os professores e líderes de jovens perguntam com frequência: “Como evitar que os dispositivos digitais se tornem uma distração nas aulas?” Ao mesmo tempo, muitos dos melhores professores dos jovens que observei começam suas aulas com a frase: “Liguem seus celulares e consultem...”. Consequentemente, gostaria de compartilhar algumas breves coisas que aprendi a respeito de como ajudar a juventude a usar a tecnologia de forma correta e produtiva nas salas de aula do evangelho.

Profecias acerca da tecnologia

Os profetas e apóstolos nos falaram a respeito das bênçãos da tecnologia, declarando como o Pai Celestial nos concedeu o conhecimento tecnológico para nos ajudar a levar avante Seu trabalho em um ritmo incrivelmente mais rápido. Em 1862, o presidente Brigham Young (1801–1877) ensinou: “Toda descoberta científica ou artística, realmente verdadeira e útil para a humanidade, foi dada por meio de revelação direta de Deus (...). Foram dadas com o propósito de preparar o caminho para a vitória final da verdade e para redimir a Terra dos poderes do pecado e de Satanás. Devemos tirar proveito de todas essas grandes descobertas (...) e conceder a nossos filhos o benefício de todo ramo

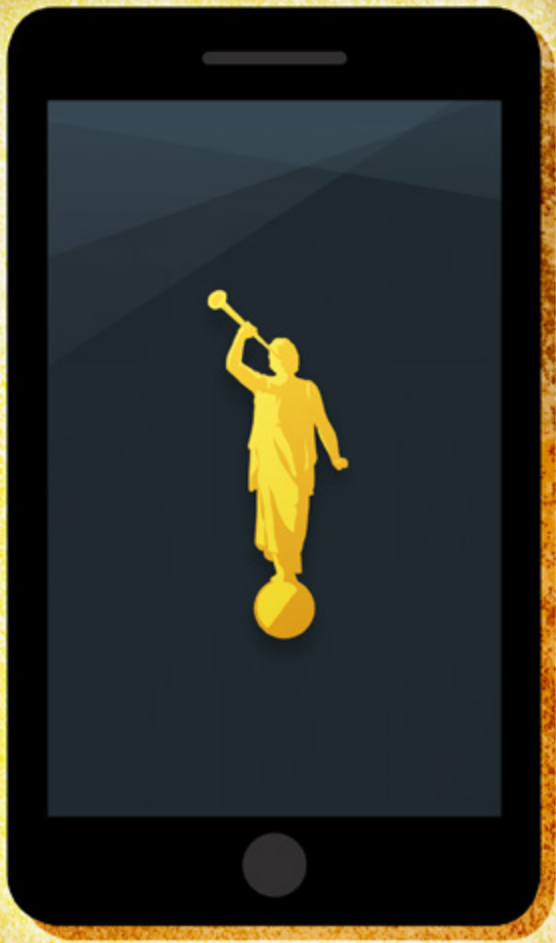
útil de conhecimento, preparando-os, assim, para progredir e cumprir eficientemente a parte que lhes cabe nesta grande obra”.¹

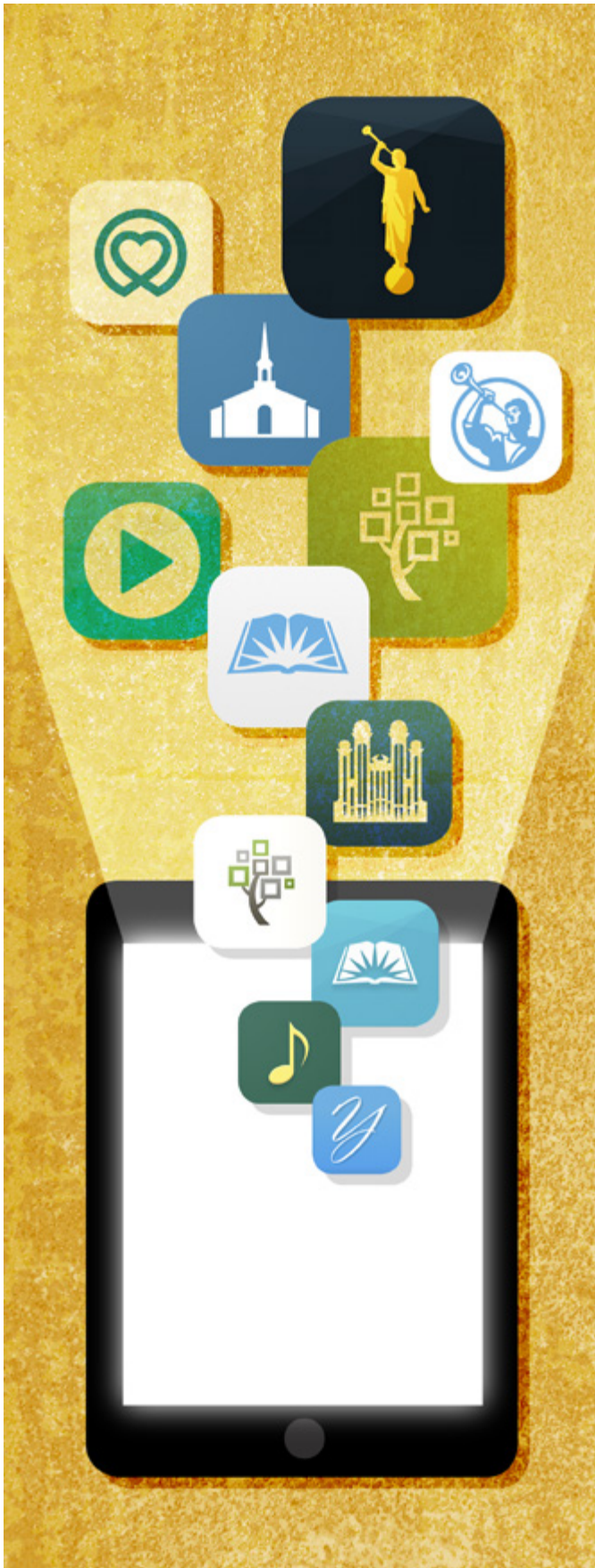
O uso de dispositivos digitais em atividades dignas

Em minha própria vida, meu estudo pessoal do evangelho melhorou muito com o uso das escrituras e de outros recursos do aplicativo móvel Biblioteca do Evangelho.

Nossa juventude foi preparada para estudar, ensinar e pregar o evangelho no cotidiano e como missionários de tempo integral que usam a tecnologia de maneiras que só agora começamos a descobrir. Já que o adversário tenta utilizar todas as invenções boas e úteis para seus propósitos malignos, repousa sobre nós pais, líderes e professores a incumbência de ajudar a juventude, desde a infância, a aprender a usar a tecnologia de maneira digna e produtiva.

O lar é o melhor lugar para que isso aconteça. (Os pais em busca de recursos úteis podem usar alguns dos materiais relacionados na barra lateral anexa.) As salas de aula do evangelho também oferecem oportunidades importantes para ajudar os jovens a associar seus dispositivos digitais com atividades apropriadas e a sentir o Espírito Santo. Aqui estão algumas maneiras pelas quais os professores e líderes podem ajudar isso a acontecer.





Estabeleça expectativas baseadas em princípios

Defina o que se espera do uso da tecnologia em sala de aula com base em princípios. Um princípio-chave pode ser “Nosso propósito em classe é aprender o evangelho por meio do Espírito Santo. Nosso uso de dispositivos digitais deve ajudar nesse esforço, e não o atrapalhar”. Isso é muito mais efetivo do que uma regra do tipo: “Não podemos acessar mídia social durante a aula”. Essa regra passa a mensagem de que a mídia social é má, enquanto o princípio deixa aberta a possibilidade de usar mídia social nas aulas de maneira apropriada, tal como contatar aqueles que estão faltando para que saibam que fazem falta na classe e enviar um convite para que compareçam na semana seguinte.

Prejudicamos nossos jovens com regras sugerindo que um comportamento é mau quando na verdade não é. Prescrever o uso ou não de tecnologia nessa ou naquela situação acaba criando confusão e se perde a oportunidade de ensinar como se deve usar a tecnologia de forma apropriada. As expectativas que estabelecemos com a ajuda dos jovens em nossas aulas devem estar alinhadas com sua idade e maturidade.

Conheça a tecnologia

Não deixe que seu próprio temor ou sua falta de conhecimento sobre a tecnologia o impeçam de deixar os jovens usarem dispositivos digitais de forma apropriada. Uma ala relatou que foi feito um treinamento com professores sobre como usar dispositivos digitais para estudar o evangelho. Constatou-se que, à medida que os professores ficaram mais treinados em usar a tecnologia, acabaram se entusiasmando mais com o uso de dispositivos digitais para estudar o evangelho, e a preocupação com esses equipamentos como motivo de distração logo desapareceu.

Torne as lições interativas

Descobri que a melhor maneira de ajudar os alunos a usar a tecnologia de forma correta é tornar as lições interativas e incorporar serviços digitais no plano da lição. Raramente encontro alunos usando seus celulares de maneira imprópria quando os professores formulam perguntas inspiradas, os alunos estão envolvidos na lição e sentem que seu professor os ama e o Espírito Santo está presente.

Isso costuma acontecer quando o professor inicia a aula fazendo uma pergunta inspirada e depois pede que a classe, talvez em pequenos grupos, encontre a resposta à questão nas escrituras e nas palavras dos profetas. Durante a lição, o professor faz com que a classe procure escrituras, estude discursos das conferências gerais, assista a vídeos produzidos pela Igreja e converse sobre o que estão aprendendo. Quanto mais os jovens estiverem envolvidos no processo de aprendizado, tanto maior será a possibilidade de utilizarem seus dispositivos digitais de forma apropriada.

Desenvolva um equilíbrio

À medida que incorporamos tecnologia em nossas lições, é importante lembrar que esse uso deve ser balanceado. Precisamos ser cuidadosos para garantir que essa tecnologia não nos atrapalhe no processo de sentir o Espírito Santo.

Além disso, alguns alunos não possuem dispositivos digitais e não devem se sentir excluídos. Exceto na exibição de vídeos produzidos pela Igreja, as atividades que podem ser feitas em dispositivos digitais na sala de aula também devem poder ser realizadas com escrituras em papel e exemplares das revistas da Igreja.

Além disso, existem ocasiões em que os dispositivos digitais podem não ser apropriados. Quando, por exemplo, os alunos estiverem prestando testemunho, é apropriado que os professores convidem gentilmente seus alunos a deixarem de lado seus celulares e fiquem em sintonia com o que o Espírito estiver ensinando a eles.

Mostre paciência

Finalmente, alguns jovens podem demorar a aprender a usar de maneira apropriada seus dispositivos digitais na aula. Os professores com espírito cristão em qualquer sala de aula mostram paciência e amor por aqueles que estão tendo dificuldade.

Tecnologia: Um avanço, não uma ameaça

Ajudar os jovens a usar a tecnologia adequadamente os abençoará em sua vida e fará com que nossas aulas sejam aperfeiçoadas. Conforme ensinou o élder Richard G. Scott (1928–2015), do Quórum dos Doze Apóstolos: “A tecnologia, quando compreendida e usada para propósitos justos, não precisa ser uma ameaça, mas, sim, um aprimoramento da comunicação espiritual”.²

Como presidência geral da Escola Dominical, convidamos os professores a adotar a tecnologia em suas lições e despende os esforços que forem necessários para ajudar os jovens a aprender a usar essa tecnologia para propósitos justos. Se você pedir ao Pai Celestial que o ajude em seus esforços, Ele responderá a suas orações. ■

NOTAS

1. *Discursos de Brigham Young*, comp. por John A. Widtsoe, 1954, pp. 18–19.
2. Richard G. Scott, “Para ter paz no lar”, *A Liahona*, maio de 2013, p. 30.

A UTILIZAÇÃO ADEQUADA DA TECNOLOGIA

O irmão Brian K. Ashton nos ensina que o lar é o melhor lugar para se aprender o uso apropriado da tecnologia. Os recursos seguintes podem ajudar indivíduos, pais e famílias a decidirem como usar as tecnologias atuais de maneira adequada:

- *Medidas de proteção no uso da tecnologia.* Embora tenham sido escritas para missionários, as diretrizes deste folheto podem ser adaptadas para o lar. Estão disponíveis em 28 idiomas no aplicativo Biblioteca do Evangelho, em papel nos centros de distribuição ou na loja online.
- Uma lista de lições das noites familiares sobre como evitar a pornografia, explicando inclusive como selecionar boa mídia, está em overcomingpornography.org/resources (disponível em dez idiomas).
- Diretrizes para conversas familiares a respeito de mídias sociais estão destacadas em: “As famílias devem conversar sobre como usar as mídias sociais da maneira correta”, em LDS.org/go/81833a (disponível em dez idiomas), ou em um artigo do élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos, “Varrer a terra por meio das redes sociais”, na revista *A Liahona* de agosto de 2015.



CAPÍTULO 6

O dom e o poder de Deus

Este é o capítulo 6 de uma nova narrativa histórica de quatro volumes intitulada Santos: A História da Igreja de Jesus Cristo nos Últimos Dias. O livro estará disponível em 14 idiomas na versão impressa, dentro da seção História da Igreja do aplicativo Biblioteca do Evangelho e online no site santos.LDS.org. O capítulo 5, publicado na edição de julho, descreveu a perda das 116 páginas da tradução do Livro de Mórmon em 1828.

Quando Joseph retornou para Harmony, no verão de 1828, Morôni apareceu para ele novamente e levou as placas embora, dizendo: “Se você for suficientemente humilde e penitente, vai recebê-las novamente no dia 22 de setembro”.¹

A infelicidade obscureceu a mente de Joseph.² Ele sabia que tinha errado ao ignorar a vontade de Deus e confiar o manuscrito a Martin. Agora, Deus já não confiava nele para ficar com as placas e os intérpretes, e Joseph achava que merecia qualquer punição que Deus quisesse lhe infligir.³

Sobrecarregado com o sentimento de culpa e de arrependimento, ele se ajoelhou em oração, confessou seus pecados e implorou por perdão. Ele refletiu sobre o que havia feito de errado e o que poderia fazer melhor caso o Senhor o deixasse traduzir novamente.⁴

Um dia em julho, enquanto Joseph estava fazendo uma pequena caminhada, Morôni apareceu a ele e lhe devolveu os intérpretes. Ao olhar neles, Joseph viu uma mensagem divina para ele: “As obras e os desígnios e os propósitos de Deus não podem ser frustrados nem podem se dissipar”.⁵

As palavras eram tranquilizadoras, mas foram logo seguidas por uma repreensão. “Quão rigorosos foram os mandamentos que recebeste”, disse o Senhor. “Pois eis que não devias ter temido mais aos homens do que a Deus.” Ele ordenou que Joseph fosse mais cuidadoso com as coisas sagradas, pois o registro das placas de ouro era mais importante do que a reputação de Martin ou do que

o desejo de Joseph de agradar as pessoas. Deus havia preparado o registro para renovar Seu antigo convênio e ensinar todas as pessoas a confiar em Jesus Cristo para alcançar a salvação.

O Senhor advertiu Joseph a se lembrar de Sua misericórdia. “Arrepende-te do que fizeste”, Ele ordenou, “e és ainda escolhido”. Mais uma vez, Ele chamou Joseph para ser Seu profeta e vidente. Mas Ele o advertiu a dar ouvidos à Sua palavra.

“A não ser que faças isso”, Ele declarou, “serás abandonado e tornar-te-ás como os outros homens e não mais terás o dom”.⁶

No outono, os pais de Joseph viajaram para o sul, para Harmony. Quase dois meses se haviam passado desde que Joseph deixou a casa deles em Manchester, e eles não tinham notícias dele. Eles se preocupavam com as tragédias ocorridas no verão, as quais o haviam deixado devastado. Em poucas semanas, ele perdeu o primeiro filho, quase perdeu a esposa e perdeu as páginas do manuscrito, de modo que queriam ter certeza de que ele e Emma estavam bem.

A menos de dois quilômetros do seu destino, Joseph Sr. e Lucy ficaram felizes ao ver Joseph, de pé na estrada à frente deles, parecendo calmo e feliz. Ele lhes contou sobre ter perdido a confiança de Deus, de como se arrependeu de seus pecados e sobre a revelação em que recebeu uma dolorosa repreensão do Senhor e, como faziam os profetas antigos, ele a havia escrito para que outros pudessem ler. Foi a primeira vez que ele registrou a palavra do Senhor para ele.

Joseph também contou aos pais que Morôni lhe devolveu as placas e os intérpretes, e que o anjo parecia



satisfeito. “Ele me disse que o Senhor me amava por causa de minha fidelidade e humildade.”

O registro estava guardado na casa em segurança, escondido em um baú. “Agora Emma está me ajudando como escrevente”, Joseph disse aos pais, “mas o anjo disse que o Senhor mandará alguém para ser meu escrevente e confio que assim será”.⁷

Na primavera seguinte, Martin Harris foi até Harmony com notícias ruins. A esposa dele havia entrado com uma queixa no tribunal, alegando que Joseph era um impostor, que fingia traduzir placas de ouro. Martin estava aguardando uma intimação para depor no tribunal e ele teria que declarar que Joseph o enganara ou Lucy o acusaria de fraude também.⁸

Martin pressionou Joseph a lhe dar mais evidências de que as placas eram reais, pois ele queria falar no tribunal

tudo o que sabia sobre a tradução, mas temia que as pessoas não acreditassem nele. Lucy, afinal de contas, havia procurado as placas na casa da família Smith e nunca encontrou o registro. E, embora ele tenha servido como escrevente para Joseph por dois meses, Martin nunca vira as placas e não poderia testificar o contrário.⁹

Joseph levou o problema ao Senhor e recebeu uma resposta para seu amigo. O Senhor não iria falar o que Martin devia dizer no tribunal nem daria mais evidências até que ele escolhesse ser humilde e exercesse sua fé. “Eis que, se não quiserem acreditar em minhas palavras, não crerão em ti, meu servo Joseph”, Ele disse, “ainda que te fosse possível mostrar-lhes todas essas coisas que te confiei”.

No entanto, o Senhor prometeu tratar Martin com misericórdia se ele fizesse como Joseph naquele verão,

humilhando-se, confiando em Deus e aprendendo com seus erros. Três testemunhas fiéis iriam ver as placas no devido tempo, disse o Senhor, e Martin poderia ser uma delas se parasse de procurar a aprovação dos outros.¹⁰

Antes de encerrar Suas palavras, o Senhor fez uma declaração. “Se os desta geração não endurecerem o coração”, Ele disse, “estabelecerei minha igreja entre eles”.¹¹

Joseph refletiu sobre essas palavras enquanto Martin copiava a revelação. Depois, ele e Emma ouviam enquanto Martin a lia novamente para verificar sua precisão. Enquanto liam, o pai de Emma entrou na sala e ouviu, perguntando, após a leitura, de quem eram aquelas palavras.

“São as palavras de Jesus Cristo”, Joseph e Emma explicaram.

“Considero tudo isso uma ilusão”, disse Isaac. “Parem com isso.”¹²

Ignorando o pai de Emma, Martin pegou sua cópia da revelação e entrou na carruagem de volta para casa. Ele chegara em Harmony esperando conseguir evidências das placas e, ao sair de lá, levou consigo uma revelação que prestava testemunho da realidade delas. Ele não poderia usá-las no tribunal, mas voltou para Palmyra sabendo que Deus o conhecia.

Mais tarde, quando Martin foi levado perante o juiz, ele prestou um testemunho simples e poderoso. Com a mão levantada para o céu, testemunhou sobre a veracidade das placas de ouro e declarou que dera voluntariamente 50 dólares a Joseph para que fizesse o trabalho do Senhor. Sem evidências para provar as acusações de Lucy, o tribunal encerrou o caso.¹³

Enquanto isso, Joseph continuava a tradução, orando para que o Senhor enviasse logo um novo escrevente.¹⁴

Em Manchester, um rapaz chamado Oliver Cowdery estava hospedado na casa dos pais de Joseph. Oliver era um ano mais novo do que Joseph e, no outono de 1828, começou a ensinar na escola que ficava cerca de dois quilômetros ao sul da fazenda da família Smith.

Professores como Oliver normalmente moravam com as famílias dos alunos e, quando ele ouviu os rumores sobre as placas de ouro de Joseph, perguntou se poderia ficar com a família Smith. A princípio, ele obteve alguns poucos detalhes com a família, pois o roubo do manuscrito e as fofocas locais os tornaram cautelosos e reservados sobre o assunto.¹⁵

No entanto, durante o inverno de 1828 e 1829, enquanto Oliver ensinava os filhos da família Smith, ele conquistou

a confiança de seus anfitriões. Por volta dessa época, Joseph Sr. tinha voltado de uma viagem a Harmony, trazendo uma revelação que declarava que o Senhor estava prestes a começar uma obra maravilhosa.¹⁶ Nessa altura, Oliver tinha provado ser um sincero pesquisador da verdade, e os pais de Joseph conversaram com ele sobre o chamado divino de seu filho.¹⁷

O que eles relataram deixou Oliver tão fascinado que ele desejou ajudar com a tradução. Assim como Joseph, Oliver não estava satisfeito com as igrejas modernas e acreditava em um Deus de milagres, que ainda revelava Sua vontade ao povo.¹⁸ Porém, Joseph e as placas de ouro estavam distantes, e Oliver não sabia como poderia ajudar no trabalho se permanecesse em Manchester.

Em um dia de primavera, enquanto uma chuva forte caía no telhado da casa, Oliver disse à família Smith que queria ir para Harmony assim que as aulas terminassem a fim de ajudar Joseph. Lucy e Joseph Sr. o aconselharam a perguntar ao Senhor se seu desejo era correto.¹⁹

Ao se retirar para seu quarto naquela noite, Oliver fez uma oração para saber se o que ele tinha ouvido falar das placas de ouro era verdadeiro. O Senhor lhe mostrou uma visão das placas de ouro e dos esforços de Joseph para traduzi-las. Um sentimento de paz repousou sobre ele, e ele soube que deveria se oferecer voluntariamente como escrevente de Joseph.²⁰

Oliver não contou a ninguém sobre sua oração, mas, assim que o período escolar terminou, ele e o irmão de Joseph, Samuel, partiram a pé para Harmony, mais de 160 quilômetros de distância. Fazia muito frio e a estrada estava lamacenta por causa das chuvas da primavera; e, quando eles chegaram à porta de Joseph e Emma, um dedo do pé de Oliver estava congelado. No entanto, ele estava ansioso para conhecer o casal e ver por si mesmo como o Senhor trabalhava por meio do jovem profeta.²¹

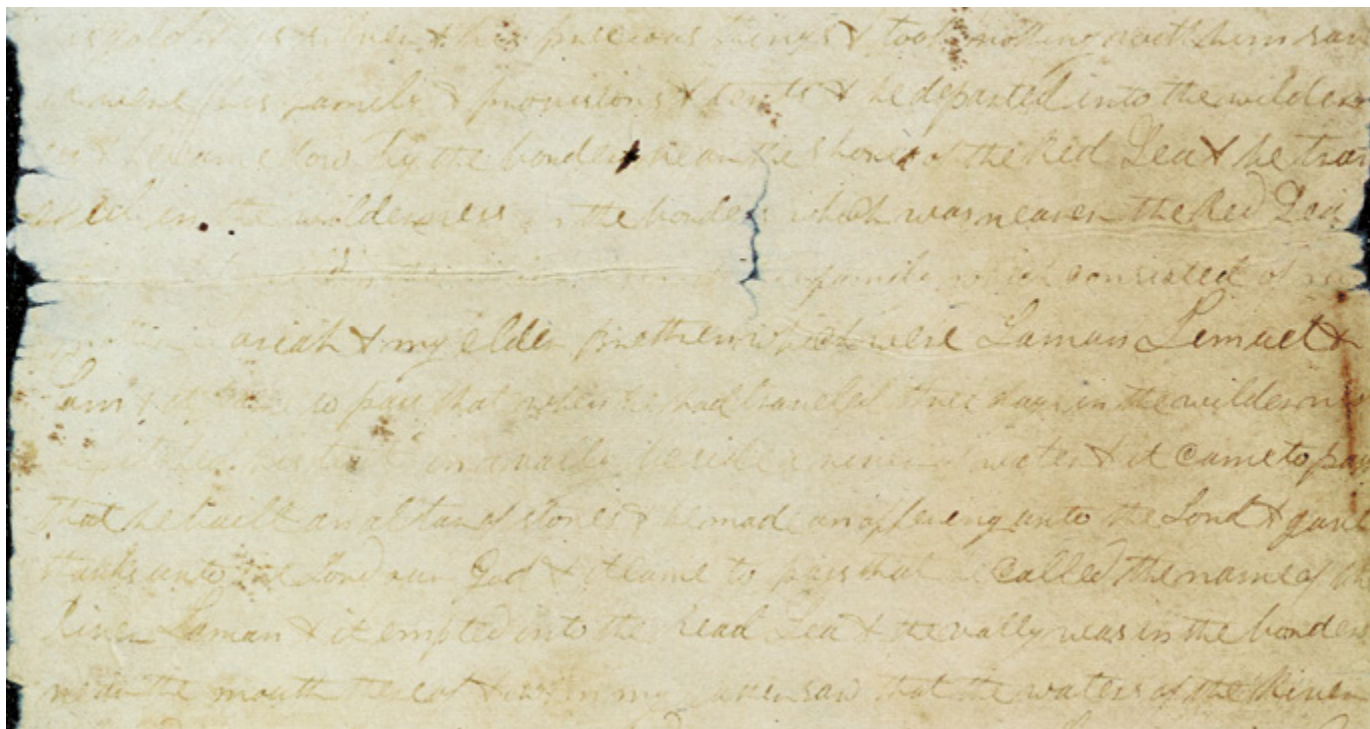
Apesar de ser um recém-chegado em Harmony, parecia que Oliver sempre estivera lá. Joseph conversou com ele até tarde da noite, ouviu sua história e respondeu suas perguntas. Era evidente que Oliver possuía um grau maior de instrução, de modo que Joseph prontamente aceitou a oferta dele para servir como escrevente.

Depois da chegada de Oliver, a primeira tarefa de Joseph era conseguir um lugar onde trabalhar, portanto ele pediu a



O registro testificava repetidas vezes de Jesus Cristo, e Oliver viu como os profetas guiavam uma igreja antiga e de que maneira o trabalho do Senhor era realizado por homens e mulheres comuns.





Oliver Cowdery foi o escrevente dessa página da tradução do Livro de Mórmon.

Oliver que escrevesse um contrato no qual Joseph se comprometia a pagar seu sogro pela pequena casa de madeira onde ele e Emma moravam, assim como pelo celeiro, pela propriedade rural e pela nascente de água que ficava nas proximidades.²² Preocupados com o bem-estar da filha, os pais de Emma concordaram com os termos e prometeram ajudar a acalmar os temores dos vizinhos a respeito de Joseph.²³

Enquanto isso, Joseph e Oliver começaram a tradução. Eles trabalhavam bem juntos, semana após semana sem parar, enquanto Emma frequentemente ficava na mesma sala fazendo suas tarefas diárias.²⁴ Às vezes, Joseph traduzia olhando os intérpretes, lendo em inglês os caracteres das placas.

Mas com frequência ele achava mais conveniente olhar uma única pedra de vidente. Para usá-la, ele a colocava dentro de um chapéu e depois colocava o rosto nele para bloquear a luz, pois a pedra brilhava no escuro e revelava as palavras que Joseph ditava, enquanto Oliver rapidamente as escrevia.²⁵

Sob a orientação do Senhor, Joseph não tentou retraduzir o que havia perdido. Em vez disso, ele e Oliver continuaram adiante no registro. O Senhor revelara que Satanás havia instigado homens iníquos a levar as páginas, alterar suas palavras e usá-las para lançar dúvidas sobre a tradução. Mas o Senhor assegurou a Joseph que Ele havia inspirado os antigos profetas que prepararam as placas a incluir outro relato, mais completo do que o que estava no material perdido.²⁶

“Confundirei os que alteraram minhas palavras”, o Senhor disse a Joseph. “Sim, mostrar-lhes-ei que minha sabedoria é maior do que a astúcia do diabo.”²⁷

Oliver estava entusiasmado com seu trabalho como escrevente de Joseph, pois, dia após dia, ele ouvia seu amigo ditando a complexa história de duas grandes civilizações, os nefitas e os lamanitas. Eles aprenderam a respeito de reis justos e iníquos, de povos que caíram em cativeiro e foram libertados, e também de um antigo profeta que usou pedras de vidente para traduzir registros encontrados em um campo coberto de ossos. Assim como Joseph, aquele profeta havia sido um revelador e vidente, abençoado com o dom e poder de Deus.²⁸

O registro falava repetidamente sobre Jesus Cristo, e Oliver aprendeu como profetas conduziam uma antiga igreja e como homens e mulheres comuns realizavam a obra de Deus.

Ainda assim, Oliver tinha muitas perguntas sobre a obra do Senhor e desejava ardentemente receber respostas, então Joseph buscou revelação por meio do Urim e Tumim, e o Senhor respondeu. “Portanto, se me pedires, receberás”, Ele declarou. “E se perguntares, conhecerás mistérios que são grandes e maravilhosos.”

O Senhor também incentivou Oliver a se lembrar do testemunho que recebera antes de ir para Harmony e que Oliver havia guardado para si mesmo. “Não dei paz a tua

mente quanto ao assunto? Que maior testemunho podes ter que o de Deus?”, perguntou o Senhor. “Porque, se eu te disse coisas que homem algum sabe, não recebeste um testemunho?”²⁹

Oliver ficou surpreso e imediatamente contou a Joseph sobre a oração secreta que fizera e o testemunho divino que havia recebido. Ninguém sabia sobre isso a não ser Deus, disse ele, e agora ele tinha certeza de que a obra era verdadeira.

Eles voltaram ao trabalho, e Oliver começou a se perguntar se ele seria capaz de traduzir também.³⁰ Ele acreditava que Deus poderia trabalhar por meio de instrumentos como pedras de vidente e, às vezes, Oliver usara uma vara de adivinhação para encontrar água e minerais, mas não tinha certeza se sua vara operava pelo poder de Deus. O processo de revelação ainda era um mistério para ele.³¹

Joseph novamente levou as dúvidas de Oliver para o Senhor, e o Senhor respondeu que ele tinha poder para adquirir conhecimento se pedisse com fé. O Senhor confirmou que a vara havia funcionado pelo poder de Deus, semelhantemente à vara de Aarão no Velho Testamento. O Senhor, então, ensinou-lhe como receber revelação. “Eu te falarei em tua mente e em teu coração, pelo Espírito Santo”, Ele declarou. “Ora, eis que este é o espírito de revelação.”

Também foi dito a Oliver que ele poderia traduzir o registro pelo mesmo dom e poder desde que exercesse a fé. “Lembra-te”, disse o Senhor, “de que sem fé nada podes fazer”.³²

Depois dessa revelação, Oliver ficou entusiasmado para traduzir e procurou fazer como Joseph, mas, como as palavras não apareciam facilmente, acabou ficando frustrado e confuso.

Joseph via o esforço de seu amigo e compreendia como se sentia. Ele próprio precisou de tempo para harmonizar seu coração e sua mente com o trabalho de tradução. No entanto, parecia que Oliver achava que poderia dominar aquele conhecimento rapidamente. Não bastava ter um dom espiritual, Oliver precisava cultivá-lo e desenvolvê-lo com o tempo a fim de usá-lo no trabalho do Senhor.

Oliver logo desistiu de traduzir e perguntou a Joseph por que ele não tinha sido bem-sucedido.

Joseph levou a questão ao Senhor. “Supuseste que eu o concederia a ti, quando nada fizeste a não ser pedir-me”,

respondeu o Senhor. “Deves estudá-lo bem em tua mente; depois me debes perguntar se está certo.”

O Senhor instruiu Oliver a ser paciente. “Contudo, não convém que traduzas neste momento”, Ele disse. “Eis que o trabalho para o qual és chamado é escrever para meu servo Joseph.” Ele prometeu a Oliver outras oportunidades para traduzir futuramente, mas, naquele momento, ele seria o escrevente e Joseph seria o vidente.³³ ■

Uma lista completa dos trabalhos citados está disponível em inglês no site saints.LDS.org.

A palavra *Tópico* nas notas indica que há mais informações online no site santos.LDS.org.

NOTAS

1. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, p. 9.
2. Ver Doutrina e Convênios 10:2 (Revelation [Revelação], primavera de 1829, em josephsmithpapers.org).
3. Ver Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, pp. 5–7.
4. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, pp. 8–9.
5. Doutrina e Convênios 3:1 (Revelation [Revelação], julho de 1828, em josephsmithpapers.org); Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, pp. 8–9; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 10, em *JSP*, H1, p. 246 (rascunho 2).
6. Doutrina e Convênios 3 (Revelation [Revelação], julho de 1828, em josephsmithpapers.org); Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 6, em *JSP*, H1, p. 16; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, pp. 8–9.
7. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1845, p. 138; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, pp. 8–11.
8. Preface to Book of Mormon [Prefácio do Livro de Mórmon], por volta de agosto de 1829, em *JSP*, D1, pp. 92–94; “Testimony of Martin Harris” [Testemunho de Martin Harris], 4 de setembro de 1870, p. 4, Coleção Edward Stevenson, Biblioteca de História da Igreja; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 8, p. 5; Historical Introduction to Revelation [Introdução histórica à revelação], março de 1829, D&C 5, em *JSP*, D1, pp. 14–16.
9. “Testimony of Martin Harris” [Testemunho de Martin Harris], 4 de setembro de 1870, p. 4, Coleção Edward Stevenson, Biblioteca de História da Igreja; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, p. 9; livro 8, p. 5.
10. Doutrina e Convênios 5 (Revelation [Revelação], março de 1829, em josephsmithpapers.org).
11. Revelation [Revelação], março de 1829, D&C 5, em *JSP*, D1, p. 17.
12. Isaac Hale, Affidavit [Depoimentos], 20 de março de 1834, em “Mormonism” [Mormonismo], *Susquehanna Register e Northern Pennsylvanian*, 1º de maio de 1834, p. 1; “considered” no original mudou para “consider”.
13. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 8, pp. 6–7.
14. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, p. 11.
15. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, p. 12; “Mormonism” [Mormonismo], *Kansas City Daily Journal*, 5 de junho de 1881, p. 1; Morris, “Conversion of Oliver Cowdery” [A conversão de Oliver Cowdery], pp. 5–8.
16. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, p. 12; Knight, Reminiscences [Memórias], p. 5; Doutrina e Convênios 4 (Revelation [Revelação], fevereiro de 1829, em josephsmithpapers.org);



- ver também Darowski, “Joseph Smith’s Support at Home” [O Apoio a Joseph Smith em Casa], pp. 10–14.
17. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, p. 12.
 18. Oliver Cowdery para William W. Phelps, 7 de setembro de 1834, *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1834, vol. 1, p. 15.
 19. Doutrina e Convênios 6 (Revelation [Revelação], abril de 1829–A, em josephsmithpapers.org); Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, p. 12; livro 8, p. 1.
 20. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 15, em *JSP*, H1, p. 284 (rascunho 2); Joseph Smith History [História de Joseph Smith], verão de 1832, p. 6, em *JSP*, H1, p. 16; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 8, p. 1; ver também Doutrina e Convênios 6:22–23 (Revelation [Revelação], abril de 1829–A, em josephsmithpapers.org).
 21. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 8, pp. 3–4; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], verão de 1832, p. 6, em *JSP*, H1, p. 16.
 22. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 8, p. 4; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 13, em *JSP*, H1, p. 276 (rascunho 2); Agreement with Isaac Hale [Contrato com Isaac Hale], 6 de abril de 1829, em *JSP*, D1, pp. 28–34; Oliver Cowdery para William W. Phelps, 7 de setembro de 1834, *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1834, vol. 1, p. 14.
 23. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 18, em *JSP*, H1, p. 296 (rascunho 2).
 24. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 15, em *JSP*, H1, p. 284 (rascunho 2); Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 8, p. 4; Joseph Smith III, “Last Testimony of Sister Emma” [O último testemunho da irmã Emma], *Saints’ Herald*, 1º de outubro de 1879, p. 290. **Tópico:** Daily Life of First-Generation Latter-day Saints [A vida diária da primeira geração de santos dos últimos dias].
 25. “A tradução do Livro de Mórmon”, Tópicos do Evangelho, em topics.LDS.org; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 15, em *JSP*, H1, p. 284 (rascunho 2); Oliver Cowdery para William W. Phelps, 7 de setembro de 1834, *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1834, vol. 1, p. 14; Joseph Smith III, “Last Testimony of Sister Emma” [O último testemunho da irmã Emma], *Saints’ Herald*, 1º de outubro de 1879, p. 290; “Golden Bible” [A Bíblia dourada], *Palmyra Freeman*, 11 de agosto de 1829, p. 2. **Tópico:** Book of Mormon Translation [A tradução do Livro de Mórmon].
 26. Doutrina e Convênios 10:45 (Revelation [Revelação], primavera de 1829, em josephsmithpapers.org); 1 Néfi 9:5; Palavras de Mórmon 1; Doutrina e Convênios 3 (Revelation [Revelação], julho de 1828, em josephsmithpapers.org).
 27. Doutrina e Convênios 10:42–43 (Revelation [Revelação], primavera de 1829, em josephsmithpapers.org). **Tópico:** Lost Manuscript of the Book of Mormon [Os manuscritos perdidos do Livro de Mórmon].
 28. Oliver Cowdery para William W. Phelps, 7 de setembro de 1834, *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1834, vol. 1, p. 14; Mosias 8:16–18; ver também Ômni 1:20; Mosias 8:8–13; 28:11–15, 20; Alma 37:21, 23; e Êter 3:24–28.
 29. Doutrina e Convênios 6:5, 11, 22–24 (Revelation [Revelação], abril de 1829–A, em josephsmithpapers.org).
 30. Doutrina e Convênios 6:10–13 (Revelation [Revelação], abril de 1829–A, em josephsmithpapers.org); Doutrina e Convênios 8:4–8 (Revelation [Revelação], abril de 1829–B, em josephsmithpapers.org); Historical Introduction to Revelation [Introdução histórica à revelação], abril de 1829–B, D&C 8, em *JSP*, D1, pp. 44–45; Revelation Book 1 [Livro de revelação 1], p. 13, em *JSP*, MRB, p. 15.
 31. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 8, p. 1; Paul e Parks, *History of Wells, Vermont* [História de Wells, Vermont], p. 81; Historical Introduction to Revelation [Introdução histórica à revelação], 1829–B, D&C 8, em *JSP*, D1, pp. 44–45; ver também Baugh, *Days Never to Be Forgotten* [Dias Inolvidáveis]; Bushman, *Rough Stone Rolling* [Uma Pedra Bruta], p. 73; e Morris, “Oliver Cowdery’s Vermont Years and the Origins of Mormonism” [Os Anos de Oliver Cowdery em Vermont e as Origens do Mormonismo], pp. 106–129. **Tópico:** Divining Rods [Varas de adivinhação].
 32. Doutrina e Convênios 6 (Revelation [Revelação], abril de 1829–A, em josephsmithpapers.org); Doutrina e Convênios 8 (Revelation [Revelação], abril de 1829–B, em josephsmithpapers.org); Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, pp. 13–14, em *JSP*, H1, pp. 276–278 (rascunho 2); ver também Book of Commandments 7:3 [Livro de Mandamentos 7:3]; e Doutrina e Convênios 8:6–7.
 33. Doutrina e Convênios 9 (Revelation [Revelação], abril de 1829–D, em josephsmithpapers.org); Oliver Cowdery para William W. Phelps, 7 de setembro de 1834, *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1834, vol. 1, p. 14.

Meu filho explicou que, durante a viagem por Wisconsin, sua esposa ficara seriamente doente. O que ele poderia fazer com seus filhos enquanto a mãe deles estivesse na cirurgia?



ESTRANHOS DA MESMA FAMÍLIA

Era tarde da noite quando meu filho Garrett telefonou de Eau Claire, Wisconsin, EUA. Ele, sua esposa, Shelly e seus filhos estavam viajando do Alabama, onde ele passara por treinamento militar, para a base da Força Aérea de Minot, em Dakota do Norte. Ele explicou que, durante a viagem por Wisconsin, Shelly ficara seriamente doente. Encontraram um hospital, e Shelly foi internada para uma cirurgia de emergência no apêndice na manhã seguinte.

Reservei um voo para encontrá-los, mas só consegui chegar no dia seguinte. Meu filho estava preocupado com o que fazer com os filhos — um de 5 anos, outro de 1 aninho e um bebê de 3 meses — enquanto a mãe deles passava pela cirurgia. Como não conhecia ninguém na região, decidi telefonar

para o bispo em Minot mesmo sem o conhecer. O bispo em Minot disse que ia entrar em contato com o bispo em Eau Claire.

Na manhã seguinte, o bispo de Eau Claire, com a presidente da Sociedade de Socorro, encontrou-se com Garrett no hotel. Disseram que ficariam felizes em tomar conta das crianças enquanto Shelly estivesse na cirurgia. Shelly comentou posteriormente que ficou completamente em paz ao permitir que dois estranhos — mas da família do evangelho — cuidassem de seus filhos. Quando finalmente cheguei a Eau Claire, Shelly estava se recuperando e meus netos estavam de volta, com ela e Garrett. Ficamos muito agradecidos pela ajuda recebida naquele momento de dificuldade.

Poucas semanas depois, estava

assistindo à Conferência Geral de Outubro de 2016 quando o presidente M. Russell Ballard, presidente em exercício do Quórum dos Doze Apóstolos, declarou: “Aonde irão para encontrar uma Igreja com uma estrutura organizacional detalhada e inspirada por meio da qual vocês são ensinados e apoiados por homens e mulheres que estão profundamente comprometidos em servir ao Senhor, servindo a vocês e a sua família?” (“Para quem iremos nós?”, *A Liahona*, novembro de 2016, p. 91.)

Não pude ajudar, mas pensei no que aconteceu em Eau Claire. É uma bênção não apenas ser membro da Igreja, mas também ser membro de uma família no evangelho, na qual podemos servir e nos ajudar uns aos outros, onde quer que estejamos. ■ Jeff Messerly, Utah, EUA

O PAI CELESTIAL OUVIU MINHA ORAÇÃO

Vivíamos ainda em nossa terra natal, a Argentina, quando meu marido e eu demos início à nossa família. Éramos ex-missionários e sabíamos que seria uma bênção nos casarmos no templo do Senhor. Estávamos entusiasmados em trilhar o caminho de volta ao Pai Celestial.

Sabíamos que o plano de salvação incluía provações, mas confiávamos que seríamos capazes de sobrepujar qualquer coisa com fé e oração. Mas não esperávamos que a adversidade sobreviesse de forma tão constante. Provações após provações pareciam se abater sobre nós.

Durante uma tarde em que estava sozinha, sentia-me muito triste e chorava inconsolavelmente por causa de nossas provações. Não tinha ideia do que fazer. Toda vez que eu tentava parar de chorar, sentia-me mais deprimida e angustiada.

Pensei então nos muitos homens e mulheres que compartilharam comigo como a oração tinha sido valiosa para eles nos momentos difíceis. Eu tinha um testemunho da oração, mas minha mente e meu espírito estavam tão atormentados que achei que não conseguiria encontrar as palavras para dizer.

Em pranto, ajoelhei-me ao lado de minha cama e, com todo o meu coração, pedi ao Pai Celestial consolo e paz. Não pedi uma solução ou mesmo que a provação desaparecesse. Apenas supliquei paz.

Enquanto estava orando, ouvi alguém bater à porta. Ainda com lágrimas nos olhos, abri a porta e vi

uma irmã da Sociedade de Socorro. Ela me contou que estava trabalhando naquela área e decidiu parar ali com sua moto. Tudo o que pude fazer foi abraçá-la. Ela disse: “Não sei por que, mas senti que precisava parar e ver você”.

Sentamos em volta de nossa mesa na cozinha e ela me ajudou a me acalmar. Depois de conversar com ela por alguns

minutos, finalmente comecei a sentir que não estava sozinha e que o Pai Celestial tinha ouvido minha oração.

É uma bênção poder falar com meu Pai Celestial por meio da oração. Ele me ouviu na hora da necessidade e enviou uma de Suas filhas para me ajudar. Sou grata a essa irmã que ouviu e seguiu essa inspiração do Espírito. ■
Raquel E. Pedraza de Brosio, Utah, EUA

Eu tinha um testemunho da oração, mas minha mente e meu espírito estavam tão atormentados que achei que não conseguiria encontrar as palavras para dizer.

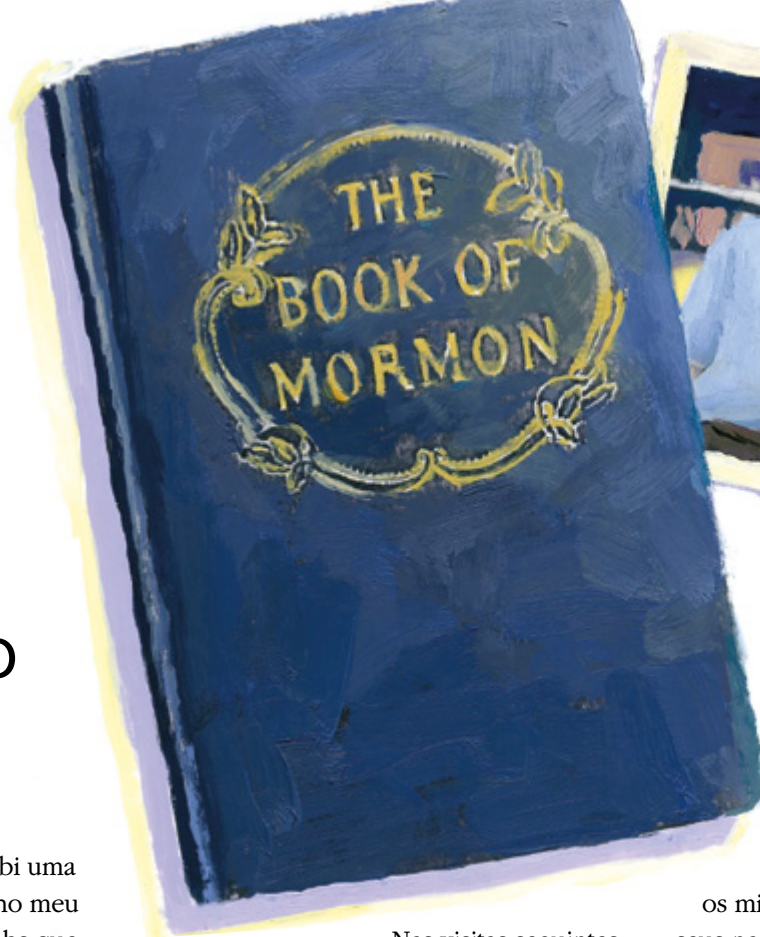


UM VELHO LIVRO DE MÓRMON

Há muitos anos, recebi uma mensagem de voz no meu telefone: “Aí é Dan Hobbs que morava em Idaho Falls e serviu missão em Washington em 1974? Aqui é Tom Janaky. Acho que você ensinou minha mãe e meu pai”.

Fiquei surpreso. Havia servido no Texas, EUA, não em Washington, mas reconheci o nome. Imediatamente pensei no livro em minha cômoda — uma edição de 1948 do Livro de Mórmon. Abri numa mensagem manuscrita na contracapa: “Que Deus esteja com você. Que Deus o abençoe! Frank e Virginia Janaky, 1974”. De súbito, minha mente retornou 35 anos no passado.

Tinha 21 anos e estava perto de terminar minha missão em Houston, Texas. Meu companheiro e eu estávamos fazendo proselitismo sem muito sucesso quando batemos em uma porta, que foi aberta por um homem que nos convidou calorosamente a entrar. Ele se identificou como Franky Janaky e nos apresentou sua esposa, Virginia. Tivemos uma breve conversa.



Durante uma palestra, notei um velho exemplar do Livro de Mórmon na estante. Antes de sairmos, Frank o assinou e me deu como presente de despedida.

Nas visitas seguintes, ensinamos a eles o evangelho. Não ficaram interessados no batismo, mas mantiveram a amizade. Durante uma palestra, notei um velho exemplar do Livro de Mórmon na estante. Não lembro muito sobre como eles o haviam obtido, mas me recordo de ter mencionado minha admiração por ele.

Pouco antes de voltar para casa, meu companheiro e eu passamos lá para eu me despedir. Antes de sairmos, Frank assinou o velho Livro de Mórmon e me deu como presente de despedida. Depois me pediu que assinasse sua Bíblia de família com meu nome e endereço. Foi a última vez que vi os Janaky, mas conservei sempre seu presente.

Naquela noite retornei o telefonema. Tom perguntou novamente se eu servira missão em Washington em 1974. Respondi que havia servido no Texas e perguntei se seus pais eram Frank e Virginia.

Ele então explicou que seus pais haviam se mudado do Texas para

Washington. Pensara que os missionários que haviam visitado seus pais eram de Washington. Con tou que tinha encontrado meu nome e endereço na Bíblia de sua família.

“Liguei para dizer que eu e meu irmão fomos batizados, em parte pelo relacionamento tão afável que os missionários mantiveram com meus pais”, disse ele. “Eles gostaram muito de todos os missionários que fizeram contato com eles ao longo dos anos.”

Tom então informou que eles já haviam falecido.

“Mas agora já estamos realizando o trabalho do templo para eles”, relatou.

Com lágrimas nos olhos, agradei a Tom por seu telefonema.

Por anos eu sentira que minha missão não havia sido muito bem-sucedida. Às vezes me perguntava se havia conseguido tocar a vida de alguém enquanto servia. O telefonema de Tom foi uma terna misericórdia do Senhor. Sou grato por minha missão e pelo pequeno papel que tive em levar o evangelho para a família Janaky. ■

Dan Hobbs, Idaho, EUA

ORAÇÕES DE UMA MÃE DE PRIMEIRA VIAGEM

Como mãe de primeira viagem de um pequeno e precoce bebê, às vezes penso que minha vida é feita de pouca coisa mais do que a rotina de trocar fraldas e dar comida.

Enquanto me adequava à maternidade, percebi que estava deixando de lado minhas necessidades espirituais. Em vez de ler as escrituras, normalmente eu vagava entre uma soneca muito necessária e um ciclo da máquina de lavar. As orações eram apenas súplicas rápidas a meu Pai Celestial para que meu filho dormisse e *continuasse* dormindo ou para que eu conseguisse sobreviver até o fim do dia.

Quando meu filho tinha uns quatro meses de idade, percebi o quanto meu espírito tinha ficado enfraquecido. Meu desejo de fortalecer meu testemunho estava diminuindo. Não me via sentada por três longas horas na igreja, e parecia que eu não tinha energia suficiente para as outras responsabilidades em casa e na igreja. Eu queria voltar a sentir a luz do evangelho, mas estava exausta e não sabia por onde começar. Certa noite, orei fervorosamente pedindo ajuda.

Na manhã seguinte, arrastei-me para a igreja. Enquanto ouvia a aula da Sociedade de Socorro, olhei para um pôster que ilustrava o propósito da Sociedade de Socorro. Eu via esse pôster todos os domingos, mas nunca havia refletido a fundo sobre sua mensagem antes. Nele está o propósito da Sociedade de Socorro, que é ajudar as irmãs a “aumentar a fé e a retidão pessoal, fortalecer a família e o lar e ajudar os necessitados”.

Li novamente. Dessa vez, minha mente se concentrou na parte que diz: “aumentar a fé e a retidão pessoal”. Ficou claro para mim que, antes de poder cumprir com meus chamados na Igreja e servir ao próximo adequadamente, eu precisava cuidar de minha própria saúde espiritual. Comecei reservando um horário todos os dias para ler as escrituras. Também me esforcei para me concentrar melhor enquanto orava.

Ao começar a nutrir minha própria fé

e retidão pessoal e a buscar a orientação do Pai Celestial, senti meu amor pelo evangelho restaurado de Jesus Cristo se reacender. Servir nos chamados, visitar as irmãs da Sociedade de Socorro e participar do sacramento todas as semanas se tornou novamente algo significativo em minha vida. E as coisas que antes eu achava que não tinha mais tempo e energia para fazer agora se tornavam um consolo e um fortalecimento para mim e minha família. ■

Krystal Baker Chipman, Utah, EUA

Deixei de lado minhas necessidades espirituais. Em vez de ler as escrituras, normalmente eu vagava entre uma soneca muito necessária e um ciclo da máquina de lavar.



Este jovem adulto de Gana sabe que, mesmo quando parece não haver esperança na vida, sempre podemos confiar no Pai Celestial.



Como Eric aprendeu a **confiar em Deus**

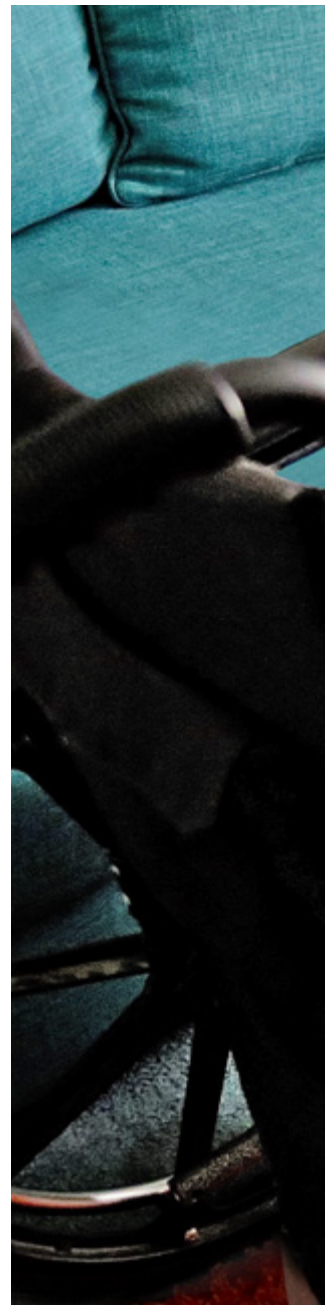
Richard M. Romney

Revistas da Igreja

Quando Eric Ayala, um rapaz de 21 anos, de Techiman, Gana, tinha 3 anos, ele e sua mãe estavam numa feira livre, na rua, quando um carro perdeu o controle e os atropelou.

Eric ficou paraplégico e enfrentou muitos desafios ao crescer sem poder usar as pernas. Com o tempo, conseguiu muletas que permitiram que ele ficasse de pé, mas ele logo cresceu e não teve condições financeiras de comprar novas. Eric ganhou uma pequena cadeira de rodas, mas continuou a crescer e a cadeira também não serviu mais. As pernas atrofiaram e às vezes tremiam com espasmos; os pés se deformaram.

Em Gana, os portadores de deficiências tendem a ser considerados um fardo. A família de Eric tinha pouco dinheiro, insuficiente para pagar um tratamento médico. Quando Eric tinha cerca de 10 anos, acabou desenvolvendo escaras causadas pela falta de movimento e por ter de se sentar em superfícies de madeira e concreto. As feridas inflamavam, ficando constantemente cheias de pus, e cheiravam muito mal.



Por causa disso, Eric tinha que ficar fora de casa, em um banco a céu aberto. Sua mãe, Lucy, e suas irmãs lhe levavam comida, lavavam sua roupa e o ajudavam a tomar banho. Eric muitas vezes ficava encharcado quando chovia à noite e passava muito frio. Com isso, aprendeu a amar os raios de sol, porque o aqueciam. Como Eric era pobre demais para ir à escola e incapaz de trabalhar, passou anos naquele local, aventurando-se a andar numa cadeira de rodas pela redondeza só de vez em quando.

O despertar da crença

Em vez de nutrir ressentimento, “comecei a amar a Deus e a acreditar Nele”, conta Eric. “Ninguém me falou sobre Deus, mas eu podia ver Suas criações e o bem e o mal nas pessoas. Às vezes, é difícil acreditar Nele quando a vida é dura. Mas, quando alguma coisa boa acontecia na minha vida, eu dizia: ‘Viú só? Deus está aqui, e isso é maravilhoso!’”

Eric não foi formalmente ensinado a orar, mas começou a clamar a Deus. E recebeu



respostas: quando estava doente, surgiu uma oportunidade inesperada de consultar um médico; quando pediu alívio da dor causada pelas escaras, elas desapareceram; quando ficou grande demais para sua cadeira de rodas, um desconhecido bondosamente lhe trouxe outra. “Deus fez muitas coisas boas em minha vida”, disse ele.

Então, como por milagre, quando Eric tinha 14 anos, foi aceito em uma escola. Sua mãe, que trabalhava como cozinheira, conseguiu juntar dinheiro suficiente para comprar o uniforme e os livros, e pagar a mensalidade. “Na escola, eu não podia sair para fazer exercícios com os outros”, explicou ele, “por isso eu ficava na sala de aula e estudava o tempo todo”. O diretor ficou admirado com suas excelentes notas em matemática, leitura e redação.

Uma freira do hospital doou a Eric um novo triciclo que ele podia pedalar com as mãos, tornando a ida para a escola muito mais fácil. Mas, com as idas e vindas, as escaras acabaram abrindo novamente. A infecção voltou, trazendo também o mal cheiro das feridas que minavam pus. Os alunos reclamavam constantemente das moscas em volta dele. Aos 17 anos, o diretor o mandou para casa, dizendo que ele deveria se tratar primeiro para ter condições de voltar à escola.

O pai de Eric era dono de uma pequena fazenda no interior e tinha levado a família para trabalhar lá,

deixando Eric sozinho em casa. Enquanto isso, as escaras se tornaram feridas imensas e a infecção atingiu os ossos, um sério problema chamado osteomielite, que poderia causar a morte.

A conversa com um *obruni*

Quando tinha 18 anos, Eric viu seu amigo Emmanuel Ofosu-hene conversando em inglês com um *obruni* (homem branco). O *obruni* era um missionário mórmon, élder Old. “Eu só falava twi, mas Emmanuel interpretava para mim: ‘Estou tão doente que acho que vou morrer. Pode me ajudar a saber o que preciso fazer para ir para o céu?’

O élder Old e seu companheiro africano me ensinaram as lições. Por alguma razão, começaram com a Palavra de Sabedoria. Eu sabia que eles estavam falando a verdade porque eu já sabia que café e tabaco eram ruins.” Eles também deram a Eric um folheto sobre o evangelho restaurado de Jesus Cristo e o convidaram para ir à igreja.

“Quando fui à igreja, vi que ela era diferente”, lembra ele. “Era diferente.” Embora tivesse demorado uma hora para conseguir chegar à igreja em sua cadeira de rodas, Eric adorou as reuniões. “Eu queria ir lá na frente e ficar junto das pessoas”, conta ele. “Mas fiquei bem atrás, porque sabia que cheirava mal.”

Eric disse aos missionários: “O que estou aprendendo é verdade”. Também manifestou o desejo de

ser batizado, mas os médicos o advertiram para que não molhasse as feridas. “Vou confiar em Deus, e Ele me dará as respostas”, disse ele. Eric frequentou a igreja por cerca de um ano e depois ficou tão doente que não conseguiu mais empurrar sozinho a cadeira de rodas para ir às reuniões.

Eric acabou tendo de ser levado de volta para o hospital. Em Gana, os pacientes têm que arcar com a própria comida, água, roupa de cama, remédios e material para os curativos. Se não tiverem dinheiro, não recebem tratamento. A mãe e as irmãs de Eric fizeram o que foi possível. Eric não recebia comida e cuidados médicos com a frequência necessária, por isso foi ficando cada vez mais fraco.

Uma visita inesperada

Então, Eric recebeu visitas inesperadas. As missionárias, sísters Peprah e Nafuna, tinham visto sua fotografia na igreja e foram visitá-lo no hospital, trazendo-lhe comida. Já fazia um ano que ele não ia à igreja, mas ele disse a elas que ainda queria ser batizado.

Alguns dias depois, a irmã de Eric foi visitá-lo e viu que ele estava muito doente. Ela correu até sua casa e avisou a mãe. Embora a mãe de Eric tivesse sofrido lesões permanentes na perna devido ao acidente, caminhou até o hospital, tremendo de dor a cada passo. “Você tem que voltar para casa”, disse ela a Eric.

“Se você vai morrer, pelo menos quero você perto de mim!”

Na manhã seguinte, as missionárias foram à sua casa. “Você não estava no hospital”, disse a suster Peprah. “Por isso viemos aqui.” Com elas estavam o élder e a suster Wood, um casal missionário da Nova Zelândia. Eles avaliaram a situação e prometeram que voltariam.

Poucos dias depois, o pai de Eric levou a família de volta para a fazenda, exceto Eric, que ficou de novo sozinho, sem comida e sem água. Quando o élder e a suster Wood voltaram e viram que Eric estava sozinho e faminto, trouxeram-lhe comida e água. No dia seguinte, voltaram e viram um fluido escorrendo em sua perna e uma enorme úlcera aberta em sua coxa. Eles o levaram imediatamente de volta ao hospital.

Nesse ínterim, os Wood ficaram sabendo que uma equipe de atendimento médico humanitário dos Estados Unidos viria a Gana. Essa equipe médica poderia fazer uma cirurgia em Eric gratuitamente. O médico tratou da úlcera na perna, mas, quando viu a gravidade das feridas, assim como a osteomielite, disse que não poderia executar todos os procedimentos necessários em Gana. Com base na recomendação do médico, a organização humanitária iniciou um processo que acabaria levando Eric aos Estados Unidos para receber o tratamento adequado a fim de fechar definitivamente as escaras. Além disso, um abrigo em Winneba, Gana, administrado por membros da Igreja, aceitou que Eric ficasse lá com eles quando voltasse dos Estados Unidos a fim de ir à escola e terminar os estudos.

O Senhor proveu o necessário

O élder Wood, que é engenheiro, refez o triciclo que Eric pilotava com as mãos e fez importantes modificações em sua cadeira de rodas. Também conversou sobre Eric com o presidente Cosgrave, da Missão Kumasi Gana, que era médico. Eles sentiram que Eric poderia ser batizado se tomassem as devidas precauções.

“O élder Wood me envolveu em plástico e prendeu o plástico com fitas em volta do meu corpo”, explicou ele. “Depois, eles me carregaram e me colocaram dentro da pia batismal, cuja água fora tratada com um tipo de desinfetante. Fui batizado em 26 de junho de 2016.” Eric confiou no Senhor, e o Senhor preparou o caminho para que ele fosse batizado. ■



Meu medo de errar me impediu de desenvolver meus talentos e de buscar oportunidades de crescimento.

Mas e se eu errar?

Sarah Keenan

Revistas da Igreja

Quando eu tinha 6 anos, meu pai levou minha irmã mais velha e eu para jogarmos basquete. Foi a primeira vez que jogamos em uma quadra de verdade. Senti o peso da bola de basquete em minhas mãos pequenas e a cesta, mesmo na posição mais baixa, parecia impossível de ser alcançada.

“Não se preocupe, só jogue na cesta”, incentivou-me meu pai.

Voltei-me para ele: “Mas e se eu errar?”, perguntei.

Mais de duas décadas depois, nem me lembro se arremessei a bola na cesta ou não. Mas me lembro do medo que senti: “E se eu errar? E se eu fizer o melhor que puder e ainda assim fracassar? O que devo fazer se não conseguir?”

Medo de não conseguir

Esse medo de fracassar foi como uma praga durante minha vida toda. Por um bom tempo, eu tinha aptidões para muitas atividades diferentes, o que acabava compensando esse temor. Mas o medo ainda se manifestava de pequenas maneiras. Eu não tentava praticar um esporte a menos

que soubesse que me sairia bem. Evitava as matérias que não correspondiam a meus pontos fortes. Quando eu tentava uma atividade nova na qual não tinha sucesso imediato, a solução era desistir rapidamente e tentar algo diferente, para o qual eu fosse mais qualificada.

Tempos depois, fui para a missão. Pela primeira vez na vida, fui forçada a estar num ambiente em que minhas fraquezas eram mais do que evidentes e não era fácil escapar da situação. Eu tinha muita dificuldade em iniciar uma conversa. Era penoso também ensinar numa língua estrangeira. Sentia rejeição várias vezes por dia. Cometia erros constantemente — como não fazer cestas — e houve dias em que pensei em seguir o velho padrão: desistir e ir embora para casa.

Problemas com tradução

Durante esse período, recebi muita inspiração e correção lendo a história de Oliver Cowdery ao tentar traduzir as placas. Depois de algumas semanas servindo de escrevente para Joseph Smith, Oliver começou a



indagar se poderia também traduzir as placas.

Joseph Smith inquiriu ao Senhor e recebeu uma resposta, permitindo que Oliver traduzisse. Porém, o Senhor também fez alguns alertas a Oliver, dois dos quais foram: “Sê paciente” e “não [temas]” (D&C 6:19, 34).

Traduzir não era tão simples como Oliver imaginara. Quando as palavras não vinham facilmente, ele ficava frustrado e logo desistia.

Oportunidades perdidas

Ao estudar essa história, percebi que o problema de Oliver era semelhante ao meu. Ele esperava dominar rapidamente a habilidade de traduzir e, quando ficou evidente que não teria sucesso de imediato, que cometera erros muitas vezes ao tentar desenvolver o dom, ele voltou a ser

o escrevente, uma tarefa na qual se saía muito melhor. As admoestações do Senhor foram precisas: Oliver não foi paciente consigo mesmo nem com Deus e teve medo. Por essa razão, Deus lhe tirou essa oportunidade (ver D&C 9:3).

Percebi que muitas vezes o medo de fracassar me impediu de agir. Eu tinha tanto medo de “errar o alvo” que nem sequer tentava, ou desistia depois de algumas tentativas. Ao tentar fugir do fracasso, perdi oportunidades de atingir sucesso no futuro. Não fui paciente comigo mesma nem com Deus e tive medo.

A história de Oliver Cowdery também me trouxe esperança. Embora tivesse dito a Oliver que ele não poderia mais traduzir as placas, o Senhor prometeu: “Eis que te concederei poder para ajudares a traduzir outros registros que tenho” (D&C 9:2). Oliver não

perdeu a oportunidade de traduzir; ela só foi adiada. Da mesma forma, as oportunidades que eu tive não foram totalmente perdidas. O Senhor me daria outras se eu estivesse disposta a ser paciente e a não permitir que o medo de errar me impedisse de tentar.

Nada a temer

Resolvi que tentaria vencer o medo de errar. Embora eu ainda sinta certa ansiedade ao falar com estranhos ou ao ensinar numa língua estrangeira, melhorei em ambos os aspectos. Essas habilidades me ajudaram na vida, inclusive depois da missão.

Ainda há situações em que hesito em tentar alguma coisa nova ou fazer algo no qual não seja muito boa. Mas estou aprendendo a ser mais paciente. Tenho aprendido a continuar “atirando a bola” e a não ter medo de errar a cesta. ■

ANTES DE SER

CHAMADO



PARA SERVIR

Como é servir missão?

Ryan Carr

Revistas da Igreja

Você já pensou em servir como missionário de tempo integral? Se já pensou nisso, deve ter ficado imaginando como seria essa experiência. Aqui está sua chance de fazer essas perguntas a missionários de tempo integral (não missionários de verdade, mas estas perguntas são típicas):

VOCÊ: “Oi, élderes. Como é um dia normal na vida de um missionário?”

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Levantamos cedo, às 6 horas e 30 minutos da manhã. Depois, durante algumas horas, estudamos o evangelho no idioma da missão. Examinamos nossas metas para a semana e planejamos nosso dia. Temos até um plano B caso as pessoas não cumpram seus compromissos conosco. Em seguida, saímos para a rua e trabalhamos o dia todo, tentando encontrar pessoas para ensinar, coordenando o trabalho com os membros e indo aos compromissos marcados para ensinar as lições”.

VOCÊ: “Vocês já ficaram com saudade de casa?”

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Sim, principalmente no começo da missão. Mas podemos escrever e-mails para a família e responder a e-mails uma vez por semana. Descobrimos que a melhor forma de não sentir tanta saudade de casa é nos concentrarmos no trabalho”.

VOCÊ: “Como vocês se sentem conversando com estranhos?”

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Logo que chegamos, isso nos deixava bem nervosos, mas você se acostuma, porque faz isso todos os dias. Sabemos que nem todos que encontramos vão querer ouvir nossa mensagem, mas alguns se interessam, por isso precisamos estar dispostos a falar com as pessoas a qualquer momento. Na verdade, é muito bom encontrar pessoas e conhecê-las”.

VOCÊ: “É difícil ensinar o evangelho?”

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Sim, ensinar direito exige certa prática, mas somos bem preparados no centro de treinamento missionário. Estamos tentando ensinar as lições de um jeito que atenda às necessidades das pessoas e responda às perguntas delas. Estudamos o evangelho todos os dias para poder ensiná-lo corretamente. Acima de tudo, sentimos que somos guiados pelo Espírito. O fato de termos sido designados para isso ajuda”.

VOCÊ: “Você tem que trabalhar muito na missão?”

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Sim. Trabalhamos cerca de 70 horas por semana, mas é tão gratificante! Claro que ficamos decepcionados quando as pessoas não progredem como gostaríamos, mas, em geral, é uma bênção ser instrumentos nas mãos do Senhor para ajudar as pessoas a progredirem espiritualmente. Tentamos ensinar pelo poder do Espírito Santo porque sabemos que somente o Espírito pode ajudar as pessoas a ganhar um testemunho e se converter”.

VOCÊ: “E se eu não souber ao certo se tenho um testemunho?”

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Tudo bem — continue orando e lendo as escrituras! Vá à igreja e frequente o seminário. Vá ao templo se possível. Confie no Senhor

e nos Seus ensinamentos. Quanto mais chances de sentir o Espírito, mais forte será seu testemunho. Treine falar sobre suas crenças em uma noite familiar. Leia o Livro de Mórmon. Isso vai ajudá-lo a ser capaz de pregar o evangelho”.

VOCÊ: “Como vocês se prepararam para a missão?”

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Estudamos as escrituras, especialmente o Livro de Mórmon. Conseguimos um emprego e guardamos dinheiro. Mas devíamos ter lido o manual *Pregar Meu Evangelho* e frequentado as aulas de preparação missionária mais vezes. Também devíamos ter aprendido a cozinhar!”

VOCÊ: “Vocês acham que eu poderia ser um missionário um dia?”

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Claro que sim! Existem cerca de 70 mil missionários no mundo. E tudo começa com o desejo: ‘Se tendes desejo de servir a Deus, sois chamados ao trabalho’ (D&C 4:3). Porém também é necessária alguma preparação, não só espiritual, mas também financeira, física e social”.

VOCÊ: “O que mais pode me ajudar em minha preparação?”

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Tenha como meta viver o evangelho e guardar os mandamentos o melhor que puder. Isso vai ajudar a fortalecer seu testemunho e a ser digno do Espírito. Quando você é missionário, quer testificar às pessoas, *com base em sua própria experiência*, que o evangelho é verdadeiro. Por isso, reserve algum tempo agora para aprender mais sobre os princípios do evangelho e coloque-os em prática em sua própria vida”.

MISSIONÁRIOS DE TEMPO

INTEGRAL: “Recomendamos também que você leia as perguntas da página seguinte. Elas são as perguntas que seu bispo ou presidente de ramo vai fazer a você quando preencher os papéis para a missão. Saber agora quais são essas perguntas vai ajudá-lo a se preparar. Converse sobre elas com seus pais e líderes da Igreja. Há muitas perguntas, mas não se desespere — você não vai ter que se apresentar no centro de treinamento missionário amanhã! Use o tempo que for necessário para se preparar, assim, quando chegar seu primeiro dia na missão, você será digno, vai se sentir entusiasmado e estará pronto para servir!” ■





SE VOCÊ DECIDIU QUE VAI servir missão, certamente você e seus líderes gostariam que esse tempo sagrado de serviço fosse inspirador e cheio de alegria. Com essa meta em mente, é importante que você esteja preparado e que seja digno e capaz de servir. Para ajudá-lo a se preparar, aqui estão as perguntas que seu bispo ou presidente de ramo vai lhe fazer para determinar se você está pronto. Você pode conversar sobre isso a qualquer momento com ele, com seus pais ou com outros líderes da Igreja.

DIGNIDADE E TESTEMUNHO

1. Você tem fé e acredita em Deus, o Pai Eterno, em Seu Filho, Jesus Cristo e no Espírito Santo?

TESTEMUNHO: “Se (...) [puserdes] à prova as minhas palavras, e exercerdes uma partícula de fé, sim, mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar, deixai que esse desejo opere em vós, até acreditardes de tal forma que possais dar lugar a uma porção das minhas palavras” (Alma 32:27).

2. Você tem um testemunho de que Jesus Cristo é o Filho Unigênito de Deus, o Salvador e Redentor do mundo? Compartilhe seu testemunho comigo. Como a Expição de Jesus Cristo influenciou sua vida?

3. O que significa se arrepender? Você sente que se arrependeu completamente de suas transgressões passadas?

ARREPENDIMENTO: “Desta maneira sabereis se um homem se arrepende de seus pecados – eis que ele os confessará e abandonará” (D&C 58:42-43).

4. Poderia compartilhar seu testemunho comigo de que o evangelho e a Igreja de Jesus Cristo foram restaurados por intermédio do profeta Joseph Smith e de que o presidente Russell M. Nelson é um profeta de Deus?

5. Você tem um testemunho da veracidade do Livro de Mórmon?

6. O serviço missionário de tempo integral exige o cumprimento dos padrões do evangelho. O que você entende a respeito dos seguintes padrões:

a. Lei da castidade

Em relação à lei da castidade, você sempre viveu em harmonia com o que foi conversado? Se não o fez, há quanto tempo ocorreu a(s) transgressão(ões)? O que fez para se arrepender?

LEI DA CASTIDADE: “A castidade é a pureza sexual, uma condição que é ‘agradável a Deus’ (Jacó 2:7). Para ser casto, você deve ser moralmente limpo em pensamentos, palavras e atos. Você não deve ter nenhuma relação sexual antes de ser legalmente casado” (Sempre Fiéis: Tópicos do Evangelho, 2004, p. 38).

b. Não ver pornografia

NÃO VER PORNOGRAFIA:

O presidente Dallin H. Oaks, da Primeira Presidência, explicou que a exposição à pornografia inclui desde a visualização involuntária até o uso compulsivo ou a dependência. Saber qual é o nível de envolvimento que a pessoa tem com a pornografia é um fator que ajuda a encontrar a solução adequada. Leia mais sobre o assunto em “Recuperar-se da armadilha da pornografia”, *A Liahona*, outubro de 2015, p. 50 e no site overcomingpornography.org.

c. Lei do dízimo

d. Palavra de Sabedoria, inclusive o uso de drogas ou o abuso de medicamentos prescritos

e. Santificar o Dia do Senhor

f. Ser honesto em tudo o que diz e faz

Você tem vivido em harmonia com todos esses padrões? Está vivendo de acordo com eles hoje? Vai viver de acordo com eles como missionário de tempo integral?

CAPACIDADE E QUALIFICAÇÃO

7. Você tem alguma ação judicial pendente contra você?

8. Já cometeu uma violação grave da lei penal, independentemente de ter sido preso ou não, de ter sido condenado ou de o registro ter sido eliminado?

9. Já abusou sexualmente de uma criança de qualquer forma, independentemente de ter sido acusado ou não, de ter sido condenado ou de o registro ter sido eliminado?

10. Já cometeu qualquer outra transgressão grave ou delito que deva ser resolvido antes de sua missão?

11. Você apoia quaisquer grupos ou indivíduos cujos ensinamentos ou práticas sejam contrários ou opostos aos aceitos por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, concorda com esses grupos ou indivíduos ou está associado a eles?

12. Você tem dívidas pendentes? Como essas dívidas serão pagas antes de sua missão ou administradas enquanto você estiver servindo?

13. Você tem atualmente ou teve qualquer problema físico, mental ou emocional que lhe traria dificuldades para manter uma programação missionária normal, que exige que você trabalhe de 12 a 15 horas por dia, incluindo a tarefa de estudar de 2 a 4 horas por dia, caminhar ou andar de bicicleta de 8 a 10 horas por dia, e assim por diante?

14. Você já foi diagnosticado com dislexia ou recebeu tratamento para esse ou para outros transtornos de leitura? Em caso afirmativo, você se sente bem em ler as escrituras e outros documentos em voz alta? Acha que consegue decorar as devidas escrituras e outras informações com a ajuda de seu companheiro? No presente momento, de que maneira você compensa essa dificuldade?

15. Já foi diagnosticado com distúrbio da fala ou recebeu tratamento para isso? Em caso afirmativo, sente-se à vontade para falar diante das pessoas? Acha que dispõe de habilidades e recursos adequados para ajudá-lo a aprender, a ensinar e a se comunicar?

16. Já tomou medicamentos ou recebeu tratamento para qualquer um dos seguintes problemas de saúde: transtorno do déficit de atenção (TDA), transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), ansiedade, depressão, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) ou algum transtorno do espectro autista (incluindo a síndrome de Asperger)? Se sim, explique.

17. Se você esteve em tratamento para qualquer um desses problemas de saúde e o tratamento foi descontinuado, isso aconteceu sob a supervisão de um médico? Em caso negativo, por que parou? Como você está se saindo sem tratamento ou sem a medicação? Quando foi a última vez que você tomou medicamentos para esses problemas? ■

Encontre vídeos e outros recursos sobre preparação missionária em LDS.org/go/81850.

Muitos problemas de saúde ou de dignidade que poderiam impedir que você faça uma missão bem-sucedida podem ser resolvidos. Procure a ajuda necessária. Se você ainda tiver preocupação com seu estado de saúde quando estiver pronto para sair em missão, informe seu bispo ou presidente de ramo. Isso vai permitir que a Igreja leve em consideração seu estado de saúde antes de determinar para qual missão você irá. Veja, por exemplo, a história da suster Fletcher depois destas perguntas.

SERÁ QUE VOU PODER SERVIR NESSA MISSÃO?

Erika Fletcher

Desde a primeira moeda que guardei no meu jarro de economias para a missão, eu sabia que queria servir. Fazia 12 anos que eu vinha guardando dinheiro quando foi feito o anúncio de que as irmãs poderiam servir com 19 anos. Embora eu não tivesse certeza de que era a época certa de eu servir, o Senhor respondeu a minhas orações, e senti que deveria começar a preparar os papéis.

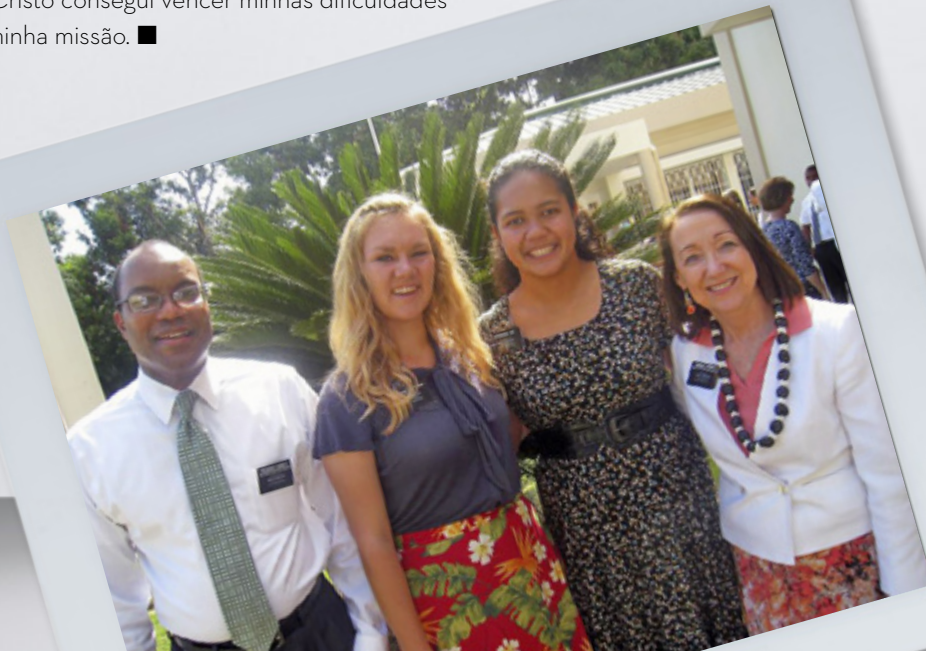
Eu queria que meu chamado fosse adequado para mim e sabia que ser honesta com os líderes da Igreja, especialmente sobre minha saúde, seria o único jeito de sentir paz. Tenho epilepsia, e os ataques epiléticos podem ser desencadeados a qualquer momento. Felizmente, meu estado de saúde está completamente sob controle devido aos medicamentos que uso. Ainda assim, era provável que minha dependência desses remédios limitasse os lugares para onde eu poderia ser designada.

Imagine minha surpresa quando fui chamada para servir na Missão República Dominicana Santo Domingo Leste! Mas havia um problema: descobri que os remédios que eu tomava não estavam à venda na República Dominicana. Fiquei confusa. Por que o Senhor inspiraria os líderes da Igreja a me enviar para um lugar em que eu não conseguiria minha medicação?

Minha família e eu oramos para obter uma resposta. Tive um forte sentimento de que o Senhor realmente queria que eu servisse na República Dominicana, por isso tomamos as providências. Meu médico me deu uma prescrição de remédios para 18 meses, mas meu convênio só pagaria um ano da medicação, deixando por nossa conta pagar pelos seis meses restantes. Ao prosseguirmos com fé com os preparativos, acabamos encontrando uma solução dentro de nosso orçamento.

Quando fui designada, meu presidente de estaca me abençoou para que meus problemas de saúde não me afetassem durante minha missão – uma promessa que posso testificar que foi cumprida. Embora tenha sido testada até meus limites físicos, sei que pela Expição de Jesus Cristo consegui vencer minhas dificuldades antes e no decorrer de minha missão. ■

Apesar da epilepsia, a síster Fletcher (à esquerda) conseguiu servir missão (nesta foto, com sua companheira e o presidente da missão e sua esposa).



CINCO COISAS QUE DOCTRINA E CONVÊNIOS

Charlotte Larcabal

Revistas da Igreja

Se você está se preparando para sair em missão ou procurando um jeito de falar com seus amigos sobre suas crenças, existe um guia tão bom que você poderia até chamá-lo de manual missionário.

É Doutrina e Convênios. Nesse livro, encontramos doutrinas recém-reveladas e maravilhosas a respeito da família eterna, do que acontece quando morremos e como a Igreja de Jesus Cristo deve ser organizada. Também encontramos repetidas vezes o mandamento de compartilhar o evangelho. Na verdade, com todas as promessas e admoestações que ele dá aos missionários, você poderia considerar esse livro um guia para pregar o evangelho.

Aqui estão, por exemplo, cinco verdades maravilhosas que você pode aprender sobre a obra missionária apenas fazendo uma leitura de Doutrina e Convênios.



1

Você não precisa se preocupar com o lugar para onde vai.

D&C 80:3: “Portanto, ide e pregai meu evangelho, seja para o norte ou para o sul, para o leste ou para o oeste, não importa, porque não vos podeis enganar”.

“Para mim, a frase ‘não importa’, como usada pelo Senhor nesse versículo, não indica que Ele menospreza o lugar onde Seus servos trabalham. Na verdade, Ele Se importa profundamente. (...) Ele inspira, guia e orienta Seus servos autorizados. Ao se esforçarem para serem instrumentos mais dignos e capazes nas mãos do Senhor, dando o melhor de si para cumprir seu chamado, os missionários terão o auxílio do Senhor e ‘não [se poderão] enganar’ – onde quer que eles sirvam.”¹

– Élder David A. Bednar

2

Entesoure as escrituras e você saberá o que dizer.

D&C 84:85: “Entesourai sempre em vossa mente as palavras de vida e na hora precisa vos será dada a porção que será concedida a cada homem”.

“Ao entesourar as palavras das escrituras e dos profetas modernos pelo estudo e pela fé, seu desejo de compartilhar o evangelho aumentará. Você recebeu a promessa de que o Espírito irá ajudá-lo a saber o que dizer quando ensinar.”²

– Pregar Meu Evangelho

ensina sobre como ser um missionário

3

Há pessoas procurando o evangelho em toda parte.

D&C 123:12: “Pois ainda existe muita gente na Terra (...) que é cegada pela astúcia sutil dos homens que ficam à espreita para enganar, e que só está afastada da verdade por não saber onde encontrá-la”.

“Ao seu redor, dia após dia, estão amigos e vizinhos ‘que só [estão afastados] da verdade por não saber onde encontrá-la’. Ao serem conduzidos pelo Espírito, poderão compartilhar pensamentos, convites, mensagens ou tuítes que apresentem a seus amigos as verdades do evangelho restaurado.”³

— Élder David A. Bednar

4

Ore da maneira correta para pregar corretamente.

D&C 42:14: “E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e se não receberdes o Espírito, não ensinareis”.

“Os missionários devem ajoelhar-se e suplicar ao Senhor que lhes solte a língua e fale por meio deles para abençoar aqueles que eles irão ensinar. Se fizerem isso, uma nova luz entrará em sua vida. Haverá maior entusiasmo pelo trabalho. Eles saberão, de modo muito real, que são servos do Senhor falando em nome Dele. Encontrarão uma reação diferente nas pessoas a quem estiverem ensinando.”⁴

— Presidente Gordon B. Hinckley (1910-2008)

5

O Espírito Santo vai testificar às pessoas com quem você falar.

D&C 100:7-8: “Mas um mandamento vos dou, de que tudo o que declarardes declarareis em meu nome, com solenidade de coração, com espírito de mansidão em todas as coisas. E prometo-vos que, se fizerdes isso, derramar-se-á o Espírito Santo testificando todas as coisas que disserdes”.

“O Espírito Santo pode operar por meio da Luz de Cristo. O professor que ensina as verdades do evangelho não está plantando algo estranho nem novo nas pessoas, sejam elas adultas ou crianças. Em vez disso, o missionário ou professor está fazendo contato com o Espírito de Cristo que já Se encontra ali. O evangelho vai lhes parecer familiar.”⁵

— Presidente Boyd K. Packer (1924-2015)

Trace uma meta

Isso é só o começo. Ao estudar Doutrina e Convênios este ano, faça uma meta de aprender o máximo possível a respeito da obra missionária. Depois, faça tudo a seu alcance para começar a viver alguns desses ensinamentos. Lembre-se: “Se tendes desejo de servir a Deus, sois chamados ao trabalho; porque eis que o campo já está branco para a ceifa” (D&C 4:3-4). ■

NOTAS

1. David A. Bednar, “Chamados ao trabalho”, *A Liahona*, maio de 2017, p. 68.
2. *Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 19.
3. David A. Bednar, “Chamados ao trabalho”, p. 70.
4. Gordon B. Hinckley, “Trabalho missionário”, *Primeira reunião mundial de treinamento de liderança*, 11 de janeiro de 2003, p. 20.
5. Boyd K. Packer, “The Light of Christ: What Everyone Called to Preach the Gospel, Teach the Gospel, or Live the Gospel Should Know” [A Luz de Cristo: O que todos os que foram chamados a pregar, ensinar e viver o evangelho devem saber], discurso proferido no seminário para presidentes de missão em 22 de junho de 2004, p. 2, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.

Seis RAZÕES

pelas quais realmente
precisamos
— da —
IGREJA!

Eric B. Murdock e Joshua J. Perkey

Revistas da Igreja

Você já ouviu alguém perguntar por que temos uma igreja? Ou, talvez, por que precisamos de uma? Por que não podemos simplesmente cultivar nossa espiritualidade sozinhos, subindo no topo de uma montanha, indo a uma praia ou algum outro lugar qualquer para nos sentir próximos de Deus? Não seria suficiente?

Com certeza, é verdade que podemos nos sentir próximos de Deus onde quer que estejamos (na verdade, é uma ótima ideia!), mas o Pai Celestial tem *tantas outras coisas* reservadas para nós, mais do que uma espiritualidade genérica. Ele deseja que você se torne o melhor que puder ser. Na verdade, Ele quer que você herde tudo o que Ele tem e ganhe a vida eterna. E Ele tem um plano e uma organização para que você consiga isso. O plano é o plano de salvação, e A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a organização — “a única igreja verdadeira e viva na face de toda a Terra” (D&C 1:30).

Aqui estão seis razões pelas quais realmente precisamos da Igreja.



1. Para aprender o evangelho de Jesus Cristo e participar dele

Uma das bênçãos de ser membro da Igreja é a de poder aprender a plenitude do evangelho (ver D&C 1:17–23). Se tivermos o desejo sincero de aprender e se formos humildes, fiéis, diligentes e obedientes, podemos ganhar um testemunho e ter esperança na Ressurreição e no sacrifício expiatório de Jesus Cristo.

Por meio dos líderes e dos materiais da Igreja, também aprendemos a respeito de outras doutrinas essenciais, inclusive sobre a Restauração do evangelho, o chamado dos profetas nos dias atuais e a verdadeira natureza da Trindade. Viver de acordo com a doutrina verdadeira traz alegria e felicidade.

2. Para fazer as ordenanças e os convênios essenciais

A obra do Pai Celestial é “levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem” (Moisés 1:39). Mas, às vezes, podemos esquecer que Sua obra requer algum trabalho da nossa parte também! Fazemos jus às bênçãos da vida eterna pela obediência às ordenanças e aos convênios do evangelho. O presidente Russell M. Nelson disse: “Não podemos entrar na presença de Deus apenas por *desejarmos* fazê-lo. Precisamos obedecer às leis nas quais as bênçãos se baseiam (ver D&C 130:20–21)”.¹

As ordenanças e os convênios que fazemos são necessários para retornarmos à presença do Pai Celestial e vivermos com Ele. Essas ordenanças e esses convênios necessitam do sacerdócio, que se encontra somente na verdadeira Igreja de Deus. Sem esses convênios, estaríamos perdidos.

Temos a Igreja para sermos iluminados e conhecermos a verdade. Ela me deu o conhecimento de que preciso: o plano de salvação.

Nicholas M., Ohio, EUA

Por intermédio da Igreja, recebemos ordenanças, fazemos convênios e nossa família é selada para sempre. Ela é a organização do Pai Celestial nesta Terra com o poder e a autoridade do sacerdócio. Seu propósito é ensinar a verdade do evangelho às pessoas, trazê-las a Cristo e prepará-las para a exaltação.

Shantelle M., Austrália

3. Para ajudar uns aos outros ao longo do caminho

O élder D. Todd Christofferson, do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou: “Um dos principais propósitos do Senhor ao ter uma Igreja é o de criar uma comunidade de santos que apoiarão uns aos outros no ‘caminho estreito e apertado que conduz à vida eterna’ (2 Néfi 31:18)”.²

Na igreja, podemos desenvolver bons relacionamentos e cuidar uns dos outros. Podemos dar e receber ajuda em períodos de provação ao orientarmos e guiarmos nossos irmãos, caminhando ao lado deles (ver “Sou um filho de Deus”, *Hinos*, nº 193; Efésios 2:19). O élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, disse: “Somos todos filhos de Deus e precisamos ensinar uns aos outros, precisamos ajudar uns aos outros ‘as leis de Deus guardar’”.³ A Igreja é o lugar perfeito para fazermos isso!

Temos a Igreja para ter um ambiente no qual os membros possam se reunir e ajudar uns aos outros a aprender e crescer. A Igreja existe para ajudar os membros a se tornarem mais semelhantes a Cristo, incentivando todos a olhar para seu próximo e a ajudar a carregar os fardos daqueles que amamos e com quem nos importamos. Também é um lugar seguro onde as pessoas podem viver suas crenças.

Jeremy P., Illinois, EUA

Por intermédio da Igreja, posso ter uma família eterna com meus pais, minhas irmãs e, um dia, com a família que eu formar.

Wilford P., São Paulo, Brasil

A Igreja nos ajuda a espalhar o amor e o evangelho na Terra e traz luz para um mundo cujos valores morais foram obscurecidos.

Kenzi B., Washington, EUA

Por meio da Igreja, trilhamos o caminho da imortalidade e da vida eterna no qual poderemos viver com o Pai Celestial e nossa família para sempre.

Emma W., New Hampshire, EUA

4. Para ajudar as famílias a se qualificarem para a vida eterna

Outra razão muito importante para termos a Igreja é ajudar as famílias a se qualificarem para a vida eterna. A ordenança do selamento no templo permite que as famílias fiquem juntas para sempre. Para que isso ocorra, precisamos viver dignos de receber essas bênçãos. A Igreja ajuda as famílias a ajudarem uns aos outros a fazer isso.

O élder Christofferson ensinou: “A finalidade de a Igreja ensinar o evangelho e administrar as ordenanças é que as famílias se qualifiquem para a vida eterna”.⁴ Assim, a Igreja nos ajuda a viver esses convênios e a dar apoio uns aos outros nesse processo.

5. Para abençoar as pessoas do mundo inteiro

O élder Christofferson disse que, ao trabalharmos juntos na Igreja, o Pai Celestial pode “alcançar aquilo que não pode ser realizado por indivíduos ou pequenos grupos”.⁵

Você sabia que, nos últimos 30 anos, a Igreja doa todos os anos 40 milhões de dólares para projetos de serviço, de bem-estar e ajuda humanitária? As generosas doações e o serviço voluntário oferecidos pelos membros da Igreja propiciam coisas que não poderiam ser alcançadas de outro modo.

Por intermédio do nosso extraordinário programa missionário, os missionários compartilham a luz do evangelho com as pessoas no mundo inteiro. Quase 105 mil missionários (entre jovens adultos e pessoas mais velhas) estão servindo hoje. Impressionante, não é? Esse número é maior do que a população de algumas cidades!

E graças à caridade dos membros em termos de doações, a Igreja tem recursos para construir templos em todo o mundo. Em abril de 2018, havia 182 templos em funcionamento, em construção ou anunciados.



A Igreja nos ajuda a manter uma organização e ensinamentos que são um sistema de apoio aos membros. Ao estabelecer uma Igreja, o Senhor preparou um lugar em que com certeza as doutrinas corretas serão ensinadas. Na Igreja, os membros recebem revelações, padrões e diretrizes que os ajudam a viver como Cristo gostaria que vivessem.

Rachel F., Arizona, EUA

6. Para edificar o reino de Deus na Terra

Uma das razões mais importantes para Deus ter estabelecido uma igreja é porque ela é o reino de Deus na Terra (ver D&C 65). O Senhor concedeu a Joseph Smith e a todos os profetas e apóstolos depois dele as chaves do sacerdócio. O élder Christofferson ensinou: “Na autoridade contida nessas chaves, os líderes do sacerdócio da Igreja preservam a pureza da doutrina do Salvador e a integridade de Suas ordenanças de salvação”.⁶

Por intermédio dos líderes da Igreja, o Senhor pode administrar Sua obra e ministrar a Seus filhos. Sem uma liderança como essa, todo tipo de ideias e ensinamentos falsos poderiam nos conduzir às trevas e a caminhos proibidos. Em outras palavras, para nos ajudar a saber como ganhar a vida eterna, precisamos da proteção dada pelos profetas e apóstolos verdadeiramente chamados e ordenados por Deus. Isso só acontece em Sua Igreja. ■

Por intermédio da Igreja, são feitas muitas coisas que não poderiam ser realizadas pelas pessoas individualmente.

Emma W., Utah, EUA

A Igreja nos ajuda porque o Pai Celestial sabia que esta época seria difícil. Ele sabia que precisaríamos de um profeta aqui na Terra para nos guiar. Ele nos conhece.

Matthew P., New Hampshire, EUA

NOTAS

1. Russell M. Nelson, “Agora é o tempo de nos prepararmos”, Conferência Geral de Abril de 2005.
2. D. Todd Christofferson, “Qual a razão da Igreja”, Conferência Geral de Outubro de 2015.
3. Jeffrey R. Holland, “Ensinar e aprender na Igreja”, *A Liahona*, junho de 2007, p. 58.
4. D. Todd Christofferson, “Qual a razão da Igreja”.
5. D. Todd Christofferson, “Qual a razão da Igreja”.
6. D. Todd Christofferson, “Qual a razão da Igreja”.

Que atividades devo realizar em meu tempo livre para torná-lo mais proveitoso?

“Alma falava de prioridades, quando ensinou que ‘esta vida se tornou um estado de provação; um tempo de preparação para o encontro com Deus’ (Alma 12:24). Para saber como usar melhor a rica herança de tempo, a fim de preparar-nos para o encontro com Deus, talvez precisemos de alguma orientação, mas com certeza colocaremos o Senhor e nossa família no topo da lista.”

Élder Ian S. Ardern, “Tempo de preparação”, Conferência Geral de Outubro de 2011.



Tenha em mente a realização de algo

Faça algo que realmente importa. Às vezes desperdiço meu tempo fazendo coisas sem

importância, como navegar pela internet por duas horas, e depois acabo me arrependendo. Tente desenvolver um novo talento, dedicar-se ao Progresso Pessoal ou ao Dever para com Deus, ajudar um irmão ou um amigo com os estudos, cultivar uma horta, escrever uma história ou organizar suas coisas — as possibilidades são infinitas. A regra que uso é ter certeza de sempre usar meu tempo tendo em mente a realização de alguma coisa.

Kimberly A., 19 anos, Alasca, EUA



Torne-se a pessoa que você deseja ser

Há uma citação na nossa sala de visitas que diz: “Pergunte a si mesmo se o que está fazendo hoje

o está aproximando do que você quer ser amanhã”. Pense no tipo de pessoa que você deseja se tornar e nas metas que tem. Decida fazer o que vai ajudá-lo a alcançar essas metas. Faça coisas que vão permitir que o Espírito esteja com você e que estejam de acordo com os padrões do livreto *Para o Vigor da Juventude*.

Amy P., 16 anos, Kentucky, EUA



Cante ou ouça hinos

A coisa que mais gosto de fazer no meu tempo livre é cantar hinos. Fiz a meta de memorizar o maior número possível de hinos da Igreja. Geralmente baixo alguns hinos que quero aprender para poder ouvi-los em qualquer horário livre que eu tiver.

Justice O., 16 anos, Orlu, Nigéria

Estude o Livro de Mórmon

Meu tempo livre é mais valioso e significativo estudando o Livro de Mórmon. Ele é a pedra angular da nossa religião e, segundo o que disse o profeta Joseph Smith, “seguindo seus preceitos [nos aproximamos] mais de Deus do que seguindo os de qualquer outro livro” (introdução do Livro de Mórmon).

Lynne T., 18 anos, Acra, Gana



Trace metas

Primeiro, você tem de pensar na pessoa que quer ser dentro de alguns anos. Depois, precisa decidir o que você deve fazer hoje com seu tempo livre para atingir sua meta.

Ao fim de cada dia, penso nas metas que fiz e programo o que vou fazer no dia seguinte com meu tempo livre.

Élder Agostinelli, 20 anos, Missão Chile Santiago Oeste

Estude a doutrina

Uma boa maneira de ocupar seu tempo livre é estudar as doutrinas do evangelho. Visto de uma perspectiva eterna, a leitura das escrituras, dos artigos das revistas da Igreja e de outros materiais edificantes vai ser muito mais benéfica para você do que a realização de outras atividades.

Josh C., 13 anos, Tennessee, EUA

As respostas são auxílios e pontos de vista, não pronunciamentos doutrinários oficiais da Igreja.

Se Deus sabe quais decisões vamos tomar, para que temos o arbítrio?

Essa pergunta tem deixado as pessoas confusas há séculos. A resposta se fundamenta em duas doutrinas básicas que nos foram reveladas:

Deus sabe de todas as coisas. A visão de Deus não é limitada pelo tempo (ver D&C 38:2). Além disso, Ele passou uma eternidade conosco antes de irmos para esta Terra, por isso sabe das nossas inclinações e conhece o caráter de cada um de nós melhor do que nós mesmos.

Temos arbítrio. Somos seres inteligentes, filhos de Deus, e Ele nos ama e estabeleceu um plano que nos

permite ser como Ele – se escolhermos ser obedientes a Ele (ver D&C 93:27-32; Abraão 3:21-25). Arbítrio significa ser capaz de agir por nós mesmos e não apenas receber ação (ver 2 Néfi 2:14, 16, 27).

A familiaridade de Deus com nosso caráter e Seu conhecimento antecipado de nossas escolhas não nos obriga a fazer essas escolhas. Não só pelo fato de Ele nos conhecer, mas também porque temos arbítrio, Ele nos convida e persuade – mas não nos força – a fazer o bem e a acreditar em Jesus Cristo (ver Morôni 7:16-17).

O que você acha?

“Como posso melhorar meu relacionamento com minha família?”

Envie sua resposta e, se desejar, uma fotografia de alta resolução até 15 de setembro de 2018, para liahona.LDS.org (clique em “Enviar um artigo”).

As respostas podem ser editadas por motivo de espaço ou clareza.

**DEUS
REALMENTE
quer
FALAR
COM VOCÊS?
SIM!**

PRESIDENTE RUSSELL M. NELSON
"REVELAÇÃO PARA A IGREJA, REVELAÇÃO PARA NOSSA VIDA",
CONFERÊNCIA GERAL DE ABRIL DE 2018

Três maneiras de sempre se lembrar do Salvador

Élder Gerrit W. Gong
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Todas as semanas, ao tomarmos o sacramento, fazemos convênio de recordá-Lo sempre. Utilizando as aproximadamente 400 referências das escrituras para a palavra *lembrar*, vou dar-lhes seis maneiras de sempre nos lembrarmos do Salvador.

Primeiro, podemos recordá-Lo sempre, tendo confiança em Seus convênios, Suas promessas e Suas garantias.

Segundo, podemos recordá-Lo sempre, reconhecendo com gratidão Sua mão em nossa vida.

Terceiro, podemos recordá-Lo sempre confiando no Senhor quando Ele nos garante que “aquele que se arrependeu de seus pecados é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro” (D&C 58:42).

Quarto, Ele nos convida a nos lembrarmos de que sempre seremos bem-vindos em Sua casa.

Quinto, podemos recordá-Lo sempre no Dia Santificado ao tomarmos o sacramento. No fim de Seu ministério mortal e no começo de Seu ministério como Ser ressuscitado — em ambas as vezes —, o Salvador, tomando o

pão e o vinho, pediu que nos lembrássemos de Seu corpo e sangue.

Na ordenança do sacramento, testificamos a Deus, o Pai, que estamos dispostos a tomar sobre nós o nome de Seu Filho, sempre nos lembrar Dele e guardar os mandamentos que Ele nos deu para que tenhamos sempre Seu Espírito conosco (ver Morôni 4:3; 5:2; D&C 20:77, 79).

Por fim, sexto, o Salvador nos convida a recordá-Lo sempre como Ele sempre Se lembra de nós.

O Salvador declarou:

“Sim, pode esquecer; eu, porém, não te esquecerei”.

“Eis que em ambas as palmas das minhas mãos te tenho gravado” (Isaías 49:15–16; 1 Néfi 21:15–16).

Ele testifica: “Eu sou aquele que foi levantado. Eu sou Jesus, que foi crucificado. Eu sou o Filho de Deus” (D&C 45:52).

Testifico humildemente e oro para que sempre nos lembremos Dele — em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares em que nos encontremos (ver Mosias 18:9). ■

Extraído de um discurso da Conferência Geral de Abril de 2016.



Nasceu em
**Redwood City,
Califórnia.**



Foi apoiado para o
**Quórum dos
Doze Apóstolos**
no dia 31 de março
de 2018.

Eles têm 4 filhos e
3 netos.



Depois de um
incentivo de um
técnico, ele fez
um teste para o
**time de
futebol**
da escola e
adorou!

Casou-se com
Susan Lindsay no
**Templo de
Salt Lake**
em janeiro de
1980.



Foi assistente no Departamento de
Estado dos Estados Unidos em
Washington, D.C., em 1986.



Serviu como missionário
na Missão Taiwan Taipei.

Sempre posso Orar



Perguntas sobre a oração

Assinale todas as respostas com as quais concorda. Acrescente suas próprias respostas. Depois, compartilhe com outra pessoa o que você sabe sobre a oração.

1. Por que o Pai Celestial quer que você ore?

- Porque sou Seu filho, e Ele quer me ouvir
- Porque Ele quer me ajudar

2. Quando você ora?

- Oro todas as noites e todas as manhãs
- Quando estou com medo
- Quando tenho que tomar uma decisão

3. Onde você ora?

- Em meu quarto
- Ao ar livre, sob as estrelas

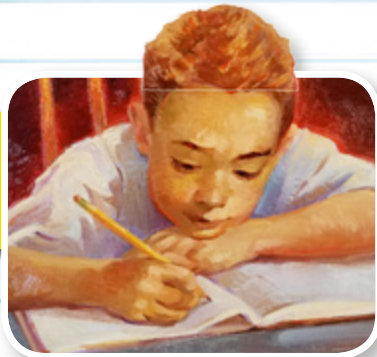
4. Sobre o que você ora?

- Um problema que tenho
- O que aconteceu durante o dia

5. Como você ouve as respostas do Pai Celestial?

- Quando leio as escrituras
- Quando sinto paz

MEU DIÁRIO DE ORAÇÃO



- Anote suas preocupações ou as coisas nas quais precisa de ajuda.
- Converse com o Pai Celestial em oração.
- Depois de orar, ouça em silêncio o Espírito Santo.
- Durante a semana, continue atento, procurando ouvir respostas.
- Anote as respostas que receber.



Cartão de LEMBRETE de orar



“Se há uma coisa que precisamos fazer antes, durante e depois das provações é ORAR.”

— Presidente Henry B. Eyring

.....

Cartão de LEMBRETE de orar

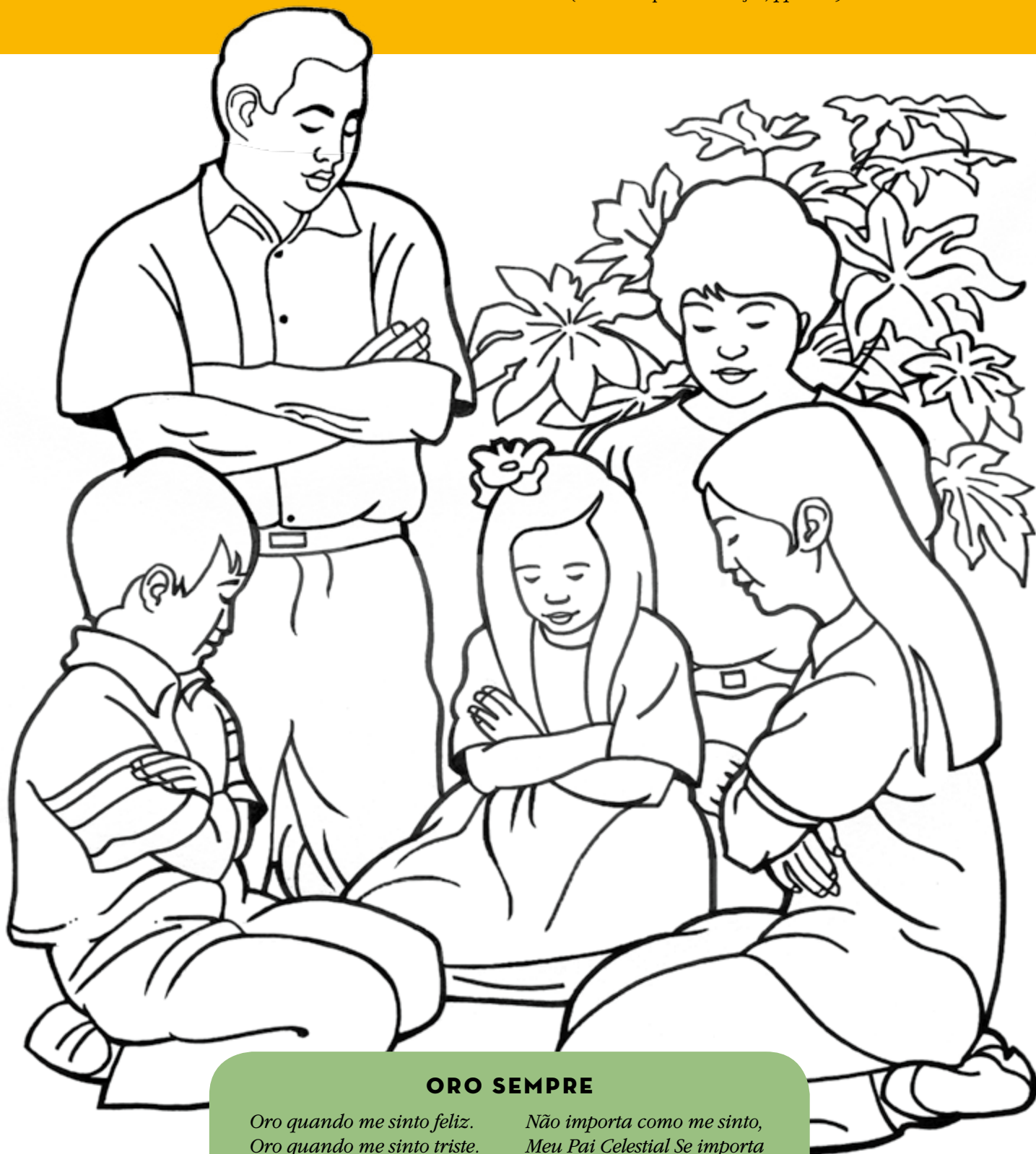


“Podemos vir a conhecer o Senhor e confiar Nele por meio da ORAÇÃO.”

— Irmã Bonnie H. Cordon

.....

*“Sim, perto está. Sim, Ele te ouve.
Pois é teu Pai e muito te ama”
(Músicas para Crianças, pp. 6–7).*



ORO SEMPRE

*Oro quando me sinto feliz.
Oro quando me sinto triste.
Oro quando estou com medo.
E quando estou com muita
raiva.*

*Não importa como me sinto,
Meu Pai Celestial Se importa
comigo.
Por isso, se meu dia foi bom
ou mau,
Sempre faço minhas orações.*

Teresa Weaver

Olá!
Meu nome é
Steffani!

Tento fazer minha luz brilhar
prestando testemunho.



Uma bela ilha

Moro em Sri Lanka. É um belo país que fica numa ilha ao sul da Índia. Temos florestas tropicais, um mar bem azul e antigas ruínas históricas. Adoro meu país!

මොර්මොන්ගේ
පොත

දේවුන් ක්‍රිස්තුන් වහන්සේගේ
තවත් ලිපිපුවත

Amigos de toda parte

Minha escola tem crianças de muitos países. Alguns são cristãos, muçulmanos, hindus ou budistas. Todos são bondosos e amigos uns dos outros.

Um testemunho brilhante



1. Um convite assustador

Certo dia, os alunos cristãos tiveram uma reunião especial. Fomos convidados a prestar nosso testemunho. Todo mundo ficou em silêncio na sala. Ninguém subiu ao palco. Todos estavam com muito medo! Sou muito tímida, por isso senti o mesmo.

3. Prestar meu testemunho

Eu disse a meus colegas de classe que o Pai Celestial nos ama e deseja que conversemos com Ele sempre. Conteí minhas experiências com a oração. Disse que sabia que o Pai Celestial sempre me ouve e quer me ajudar. Fiquei feliz por ter tido a coragem de prestar meu testemunho. Senti que eu tinha sido uma luz brilhante na sala em silêncio.

2. “Vai, vai!”

Então um calor me encheu o peito, e senti o Espírito me dizer: “Vai, vai!” Fiz uma rápida oração em silêncio. Caminhei até o palco, sentindo-me muito nervosa.



4. Ir e fazer

Minha história das escrituras favorita está no Livro de Mórmon, quando Néfi diz que irá e fará o que o Senhor ordena. Espero sempre ter a coragem de fazer o que o Pai Celestial precisa que eu faça.



ENVIE-NOS UMA ESTRELA!

Jesus pediu que fizéssemos “[resplandecer] a [nossa] luz diante dos homens” (Mateus 5:16). Como você pode fazer sua luz brilhar? Envie-nos um e-mail com a foto de sua estrela com sua história, sua fotografia e a permissão de seus pais para liahona@LDSchurch.org.



A promessa de NÃO BRIGAR

Myrna M. Hoyt

Inspirado em uma história verídica

“Tomaram as espadas e todas as armas (...) e enterraram-nas profundamente na terra” (Alma 24:17).

Aquele seria um dia incrível. A prima de Timmy, Madi, viria visitá-lo. E ia ficar na casa dele a semana inteira! Ele não via a hora de lhe mostrar seus brinquedos para brincarem juntos.

Quando Madi chegou, as aventuras começaram imediatamente. Nos primeiros dois dias, brincaram com dinossauros e fingiram ser piratas. Foi muito divertido. Mas, no terceiro dia, as coisas não deram muito certo. Timmy e Madi não concordavam em *nada*.

“Vamos brincar lá fora e fingir que a casa na árvore é uma nave espacial!”, propôs Timmy.

“Não quero ir. Vamos ficar em casa e desenhar”, disse Madi.

“Dentro de casa é chato!”

“Não é não! Sempre brincamos do jeito que *você* quer brincar. Por que sempre é você que escolhe o que vamos fazer?”

Timmy e Madi continuaram a discutir. Já não estavam mais se divertindo. Timmy não gostava do modo como se sentia quando brigavam. Então, ele pensou em algo.

“Ei, Madi”, disse Timmy, “vamos ser como os ânti-néfi-leítas”.

“Como quem?”

“Os ânti-néfi-leítas. Eles eram um povo do Livro de Mórmon que enterrou suas espadas. Tinham participado de muitas batalhas e se sentiram tristes, por isso se arrependeram. Prometeram ao Pai Celestial que nunca mais lutariam. Depois, enterraram suas



armas na terra para mostrar que queriam cumprir sua promessa.”

De repente, uma ideia surgiu na mente de Timmy. “Vamos fazer algumas espadas de brinquedo e enterrá-las, prometendo que não vamos mais brigar.”

“Está bem”, disse Madi.

Timmy e Madi pegaram algumas peças de plástico de um brinquedo para construir coisas e fizeram vários tipos de espadas com elas. Algumas eram compridas.

Outras eram curtas. E algumas tinham muitas cores diferentes. Quando terminaram, Timmy e Madi levaram as espadas até o grande tapete do hall de entrada.

“Vamos fingir que este tapete é um grande buraco”, sugeriu Timmy.

Sentaram-se junto à borda do tapete. Então, uma a uma, colocaram cada uma de suas espadas embaixo do tapete, fingindo que as enterravam.

“Prometo que não vou brigar mais”, declarou Timmy, deixando cair sua última espada de brinquedo sobre a pilha.

“Eu também”, disse Madi. “Agora vamos brincar! O que você quer fazer?”

“Vamos desenhar”, propôs Timmy, com um sorriso.

Madi sorriu de volta. “Depois vamos brincar de nave espacial lá fora.”

Por todo o restante da semana, Timmy e Madi cumpriram sua promessa. E se divertiram muito brincando juntos, depois de deixar as brigas de lado. ■

A autora mora em Utah, EUA.



Grace Vlam era uma menina de 9 anos que morava na Holanda, em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial. A Alemanha nazista havia começado a atacar a Holanda.

BUM! BUM!

Eram 3 horas da madrugada, e a cidade estava sendo bombardeada. Num minuto, Grace estava dormindo em seu leito, no minuto seguinte, o pai estava dizendo a todos que entrassem embaixo de alguma coisa. Grace estava então encolhida embaixo da mesa da cozinha, com o pai, a mãe e seus irmãos

menores, Heber e Alvin. Ouvia o retumbar das explosões e o barulho de vidro estilhaçando lá fora. Era muito alto!

“O que vai acontecer conosco?”, perguntou Grace ao pai.

Ele lhe acariciou os cabelos. “Não sei”, respondeu ele. “Mas vamos fazer uma oração.”

Os membros da família Vlam ficaram bem juntos uns aos outros.

“Querido Pai Celestial”, orou o pai, “por favor, mantenha nossa família segura”.



“Não importa o que aconteça, Deus vai cuidar de nossa família”, disse a mãe.

Uma voz de paz

Megan Armknecht

Inspirado numa história verdadeira

Depois de um tempo, o barulho aquietou. Não houve mais explosões. Estavam seguros!

A mãe pegou Grace pela mão e sorriu para ela. “Lembra-se de quando fomos selados no templo?”

Grace fez que sim com a cabeça. Quando eles haviam se mudado da Indonésia para a Holanda, puderam parar em Utah e ser selados no Templo de Salt Lake.

“Não importa o que aconteça, Deus vai cuidar de nossa família”, disse a mãe.

No dia seguinte, Grace ouviu as sirenes de alerta contra ataques aéreos quando estava fora de casa, na praça

da cidade. Olhou para cima e viu aviões sobrevoando o local, com umas coisinhas pretas caindo deles. Ficou ali olhando para cima, de boca aberta.

Um homem gritou para ela. “Corra! São bombas!”

Grace correu para casa, com o coração palpitante, quando finalmente entrou em segurança pela porta da frente.

Alguns dias depois, os nazistas — que eram os líderes governamentais da Alemanha — oficialmente tomaram a Holanda. Às vezes os nazistas prendiam as pessoas que tinham sido oficiais militares. Como o pai dela tinha sido oficial militar holandês, os soldados nazistas o observavam atentamente.

“Mas isso não vai acontecer com o papai”, pensou Grace. “Somos membros da Igreja, e o papai é líder na presidência da missão. Deus o protegerá.”

Depois dos bombardeios, a família Vlam teve que sair da cidade. Certo dia, em sua nova escola, Grace ouviu os outros alunos sussurrando.

“Algumas pessoas foram presas hoje!”

“Será que vão voltar?”

Grace ficou com medo. Será que o pai estaria bem? Correu para casa o mais rápido que pôde. Ao entrar de supetão pela porta, viu a mãe no saguão.

“É verdade?”, perguntou Grace. “O papai foi levado?”

A mãe não disse nada, mas Grace soube pelo olhar da mãe que o pai havia sido levado. Ele era prisioneiro de guerra. Grace se apoiou na parede. Estava com tanto medo que nem conseguia chorar.

“O que vamos fazer agora?”, pensou.

Naquele momento, Grace ouviu uma voz dizer: “Você verá seu pai novamente”. A voz era calma e clara. Grace sabia que era a voz do Espírito Santo. Isso a fez se sentir um pouco melhor.

Não sabia exatamente o que aconteceria, mas sabia que o Pai Celestial cuidaria dela e de sua família.

Continua... ■

A autora mora em New Jersey, EUA.





“Sei que Jesus Cristo vive; eu O amo e sei, de todo o meu coração, que Ele ama cada um de nós.”

Élder Ronald A. Rasband

Do Quórum dos Doze Apóstolos

“Permanecer ao lado dos líderes da Igreja”, A Liahona, maio de 2016, p. 49.



**Élder Jörg
Klebingat**

Dos setenta

Futebol e domingos

Na Alemanha, o futebol é o esporte mais popular. Meu pai me inscreveu num clube de futebol quando eu tinha 5 anos. Treinávamos três ou quatro vezes por semana. A maioria dos jogos era aos sábados e domingos. Quando eu não estava jogando futebol para o time do clube, jogava com meus amigos. Jogávamos futebol quase todos os dias até o sol se pôr.

Quando eu tinha 15 anos, comecei a jogar para uma equipe de uma cidade maior. O futebol se tornou mais sério. Treinávamos mais vezes. Viajávamos para mais lugares. Jogávamos contra mais times. O futebol era minha vida.

Então, quando eu estava com quase 18 anos, fui a um concerto. Vi um rapaz mais ou menos da minha idade. Ele se destacava dos outros. Não bebia, não fumava nem dizia palavrões. Eu quis saber o motivo disso. Fiquei sabendo que ele era membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Seu exemplo me fez querer conhecer mais. Mais tarde, filiei-me à Igreja.

Depois que fui batizado, aprendi duas coisas. Primeiro, eu não devia jogar futebol no Dia do Senhor. Eu devia ir à igreja. Em segundo lugar, o Pai Celestial esperava que eu servisse missão. Mas eu era um jogador de futebol muito bom. Eu tinha um amigo com quem eu havia jogado futebol durante toda a minha juventude. Nós dois fomos convidados a jogar num time profissional. Meu amigo aceitou a oferta. Decidi deixar o futebol de lado e ir para a missão em vez disso. Não foi uma decisão difícil para mim porque eu sabia que a Igreja era verdadeira.

Mas foi difícil para minha família e meus amigos. Eles não entendiam o que eu estava fazendo. Meus pais me enviavam recortes de jornal do meu amigo jogando futebol. Não foi fácil para mim. Mas nunca me arrependi de ter servido missão.

O Pai Celestial tem me abençoado todos os dias porque decidi servir missão. Ele me abençoou com paz. Tive o bom sentimento que nos advém quando fazemos a escolha certa. ■



Davi e Golias

Kim Webb Reid

Davi era um menino que cuidava de ovelhas. Seus irmãos mais velhos eram soldados que tentavam proteger seu povo. Certo dia, o pai de Davi mandou que ele levasse comida para os irmãos.



Quando Davi chegou lá, viu um soldado gigante chamado Golias. Golias disse que, se alguém conseguisse vencê-lo, a guerra acabaria. Mas não havia ninguém corajoso o suficiente para lutar com ele.





Davi disse que *ele* lutaria com Golias. O rei disse a Davi que não. Davi era apenas um menino, e Golias era grande e forte! Mas Davi sabia que Deus o ajudaria. Por fim, o rei disse: “Vai, e o Senhor seja contigo”.



Davi não vestiu uma armadura como Golias. Pegou uma pedra e colocou em sua funda. Arremessou a pedra na testa de Golias. Golias caiu! Davi venceu! Ele salvou seu povo.



Às vezes, enfrento problemas muito grandes e assustadores.
Quando peço auxílio a Deus, Ele me ajuda a ser forte. ■

Extraído de 1 Samuel 17.

Posso ser um bom exemplo





Élder Marvin J. Ashton
(1915–1994)

Do Quórum dos Doze
Apóstolos

CONTINUAR TENTANDO

Para ser vencedor na corrida pela vida eterna, é preciso esforço — trabalho constante, empenho e perseverança com bom ânimo, com a ajuda de Deus.

Quando penso na admoestação do Salvador de que façamos alegremente todas as coisas que estiverem a nosso alcance (ver D&C 123:17), penso no pai do filho pródigo. O pai estava desconsolado com a perda e a má conduta de seu filho rebelde. No entanto, não há menção alguma de que ele tenha se lamentado, dizendo: “Onde errei? O que fiz para merecer isso?” Ou: “Onde falhei?”

Em vez disso, ele aparentemente suportou sem amargura a má conduta do filho e o acolheu de volta com amor. “Porque este meu filho estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado” (Lucas 15:24).

Precisamos aprender a suportar, principalmente quando um membro de nossa família nos decepciona. Enquanto estivermos exercendo amor, paciência e compreensão, mesmo que não haja nenhum sinal de progresso, não estamos fracassando. Temos que continuar tentando. (...)



Para ser vencedor na corrida pela vida eterna, é preciso esforço — trabalho constante, empenho e perseverança com bom ânimo, com a ajuda de Deus. (...)

Todos nos deparamos com sofrimento e obstáculos. Podemos vivenciar pesar, tristeza, morte, pecados, fraquezas, desastres, males físicos, dor, angústia mental, críticas injustas, solidão ou rejeição. O modo como enfrentamos e superamos esses desafios determinará se serão pedras de tropeço ou degraus de progresso. Aos valentes, esses desafios possibilitam progresso e desenvolvimento. (...)

Quando éramos crianças, às vezes nos diziam que tudo ficaria bem. Mas na vida não é assim. Não importa quem sejamos, certamente teremos problemas. Tragédia e frustração são intrusos inesperados nos planos de vida. (...)

A melhor medida da grandeza de uma pessoa é o modo como enfrenta os acontecimentos da vida que parecem totalmente injustos, absurdos e imerecidos. (...)

Jesus é o Cristo. Sua perseverança, uma das marcas de Sua grandeza, ergue-se diante de nós como eterno farol para que sigamos Seu exemplo. Durante Sua jornada terrena, Ele suportou muito bem ao sofrer a mais profunda agonia e rejeição. Presto testemunho de que Deus nos ajudará a suportar e perseverar se nos empenharmos em viver Seus ensinamentos, buscar Sua orientação e guardar Seus mandamentos. ■

Extraído de “Se as suportares bem”, A Liahona, janeiro de 1985, p. 20.



PRODIGAL SON
[O FILHO PRÓDIGO],
DE JUSTIN WHEATLEY

"E caindo em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti; Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros. E levantando-se, foi para seu pai" (Lucas 15:17-20).



JOVENS ADULTOS

**COMO ERIC APRENDEU
A CONFIAR EM DEUS**

*Mesmo vivendo com graves
deficiências em Gana, Eric
consegue reconhecer o que
há de bom em sua vida.*

44

PROFESSORES DOS JOVENS
**ENVOLVA OS JOVENS
USANDO A TECNOLOGIA**

30

FUTUROS MISSIONÁRIOS
**USE ESSAS PERGUNTAS
PARA PREPARAR**

50

CRIANÇAS
**PREENCHA AS
RESPOSTAS PARA
PERGUNTAS SOBRE
A ORAÇÃO**

66

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS



4

4